

Cópie

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
EVENTO DE EXTENSÃO
CINQUENTA ANOS DE EDUCAÇÃO PÚBLICA NO DISTRITO FEDERAL:
ORIGENS DA ESCOLA PÚBLICA.

01. 10. 2008

FITA I – [1h.31 min.]

ABERTURA

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

[...] um dos objetivos do nosso projeto, que é a implantação do museu da educação do Distrito Federal no mais curto espaço de tempo – é o que nós pretendemos, pelo menos.

Hoje, nós estamos inseridos na programação da UnB, da Semana de Extensão do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília. E o nosso evento hoje, já pensando numa grande comemoração que deve acontecer daqui a dois anos, chama-se *Cinquenta anos de educação no Distrito Federal: origens da escola pública*.

Nós temos a honra de ter aqui vários professores que foram os grandes organizadores da escola pública no Distrito Federal, nas suas origens. A começar – eu não me lembro de todos – pelo Dr. Ernesto Silva, a professora Daisy Collet, o professor Roberto, e tantos outros que eu não consigo ver aqui no momento. Esses me vieram à memória porque eu trabalhei, recentemente, com palavras deles num texto que eu produzi.

A atividade de hoje começa... o evento de hoje começa com a apresentação de um grupo de estudantes da rede pública do Distrito Federal. E, para falar, para apresentar o grupo e para falar um pouco sobre as atividades da própria escola, a gente chama o professor Everaldo de Mendonça, que é o atual diretor da escola-parque 304 e que trouxe o grupo com ele. Professor...
[aplausos]

Professor Everaldo de Mendonça

Pessoal, boa tarde. Como o Heitor colocou, o meu nome é Everaldo, atualmente diretor da escola-parque. Este trabalho a que vocês vão assistir é fruto de cinco anos de trabalho dentro da escola, onde, quando nós assumimos a direção, havia uma concepção na linha de música instrumental. E nós entendíamos que o trabalho... para alcançar maior quantidade de alunos, nós teríamos que fazer um trabalho de socialização da música. E, com essa concepção, nós conseguimos: primeiro, sensibilizar os professores de música; segundo, procurar buscar a maior quantidade de alunos, para que tivessem acesso à música. E, com isso, nós conseguimos fazer com que fosse realizado este trabalho. E o que é melhor, nesses anos nós fizemos um projeto de interdisciplinaridade entre as áreas da escola-parque: a área de teatro – artes cênicas – artes visuais, educação física e a música. E aí surgiu a idéia, este ano, de fazermos um projeto integrado, um projeto onde todas as áreas iriam contribuir para que, no final, nós tivéssemos um trabalho. E aí, o professor de música escolheu... os professores de música escolheram um musical que ainda está em fase de preparação, ou seja, o que vocês vão assistir, na verdade, é um trabalho que, até o final do ano, nós esperamos estar com ele pronto já para poder deslançar. Mas hoje, nós estamos ainda numa fase embrionária. Este, então, é... esta é a explicação sobre o projeto. Eu gostaria de chamar o professor Lilson, que é o professor de música, e que vai passar para vocês os aspectos técnicos. Agora, o mais importante é que a escola-parque 304 Norte possibilitou aos professores a liberdade de buscar e de fazer um trabalho integrado. Acho que isso é o que deixou... é que é o recado da riqueza deste trabalho. Está bom? Eu gostaria que vocês assistissem com muito carinho e que depois pudessem passar o *feedback* para a gente, para ver como o trabalho está sendo realizado. Professor Lilson, por gentileza... [aplausos]

Professor Lilson

Boa tarde. Na verdade, o professor Everaldo já falou praticamente toda a concepção do projeto. É um trabalho que a gente vem procurando fazer já há

alguns anos. E, este ano, a gente batalhou e conseguiu, não é? Então, nós somos cinco professores que estão coordenando este projeto: eu; a professora Gisele, de música; a professora Sheila, de teatro; o professor Márcio, também de teatro - que estão ali na porta; a professora Marília, de Educação Física. E nós temos, também, a participação de alguns outros professores de música, de artes visuais e de teatro auxiliando a gente neste trabalho e que estão aqui presentes: a professora Regina; a professora Antonia; a professora Leda; a professora Rosângela, que eu acho que não está aqui hoje. Sem falar no pessoal da direção, que está dando apoio para a gente em todo este trabalho.

O que nós vamos assistir... nós escolhemos algumas músicas para trabalhar e fizemos um protótipo para o final do semestre, para ver a nossa competência, a nossa competência enquanto professores, e ver se a gente conseguia fazer os meninos produzirem alguma coisa legal. E nós escolhemos a música *Olhos Coloridos*, da Sandra de Sá, para a gente poder fazer este trabalho. Então, é isto o que nós vamos apresentar, este mini-espetáculo chamado *Olhos Coloridos*.

Eu quero apresentar aqui a Sara Petersen... levanta aí, Sara. Ela está meio tímida. É nossa violonista e eu vou acompanhá-la com o teclado. Os meninos estão prontos. Podemos começar? Se for possível apagar as luzes da platéia, deixar só as luzes do palco e estas principais aqui, de frente; pode ficar interessante também. Se não der, a gente apresenta assim mesmo. Com vocês, *Olhos Coloridos*.

APRESENTAÇÃO MUSICAL

[06 min. 25 s. - 15 min. 03 s.]

Professor Lilson

Ah, eu quero aproveitar e dizer uma coisa que eu esqueci no início: que nós tivemos a participação efetiva da UnB neste trabalho, nós tivemos três estagiários no primeiro semestre – o Alan Moreira, o Augusto e a Mariana – e nós tivemos agora, no segundo semestre, o Fábio Faria, que deu uma oficina de *gospel* e que

está preparando... que auxiliou a gente a preparar as músicas que vão complementar este trabalho agora para o final do ano. Obrigado.

INÍCIO DOS DEBATES

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Bom, nós agradecemos muito a presença de todos os estudantes e o trabalho de todos os professores que participaram... que participam deste projeto. Muito obrigado.

Meus senhores e minhas senhoras, nós continuamos com a nossa programação. Eu vou dar uma rápida explicação – nem todo mundo pegou o *folder*, o prospecto do evento – então eu quero explicar aqui. Lá fora, na entrada, nós temos o que nós chamamos de uma oficina interativa, que propicia o acesso a documentos escritos, sonoros e audiovisuais da pesquisa que nós realizamos sobre as origens da educação pública no Distrito Federal. Estão, portanto, lá fora, disponibilizados em meio eletrônico. Quem quiser, tiver a oportunidade, tempo para fazer isso, pode fazer. Nós temos, também, a apresentação de *posters*, que são trabalhos em grandes... grandes nem tanto, painéis médios, dos nossos alunos, estagiários no projeto, que são sínteses de temáticas abordadas na pesquisa pelos bolsistas que trabalham conosco.

O momento que vamos começar agora é um ciclo de debates que enseja uma discussão sobre iniciativas para assegurar a preservação da memória da educação no Distrito Federal. Nós estamos – como eu já mencionei no início – preocupados com a busca da nossa memória de educadores, que começa antes dos anos 60, no Distrito Federal. E, neste momento, nós estamos voltados para este objetivo que é a criação do nosso museu, o museu da educação, e a reconstrução da primeira escola pública do Distrito Federal, que é a escola Júlia Kubitschek, que ficava na Candangolândia.

Nós temos uma Mesa composta por nossa coordenadora da equipe de pesquisa, professora **Eva Waisros**, que a gente convida a compor a Mesa; pelo professor **Afonso Brito**, que vem representando a Secretaria de Educação do

Distrito Federal; pelo professor **José Carlos Coutinho**, do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal; pelo representante... eu estou sem o nome, no momento, porque precisou haver uma troca do representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional... me desculpe... **Maurício Pinheiro**, por favor, componha a nossa Mesa e desculpe por eu não saber o seu nome; pelo professor **Jarbas da Silva Marques**, representando o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. O representante do SINPRO - Sindicato dos Professores do Distrito Federal - estava convidado mas não pôde comparecer, por conta de atividades de greve. E, com muita honra, nós convidamos o **Dr. Ernesto Silva**, nosso grande patrono, para compor a Mesa do nosso debate também. Por favor, Dr. Ernesto.

Bom, nós temos um probleminha aqui: é que está precisando de um equipamento. Mas nós vamos iniciar com a fala do Dr. Ernesto Silva sobre origens da educação no Distrito Federal. Em seguida, a gente espera que já esteja pronto o equipamento. Dr. Ernesto, por favor.

Dr. Ernesto Silva

Boa tarde aos membros da Mesa, boa tarde a todo mundo, a todos que aqui estão, nesta universidade, tratando de um problema crucial. O mais perfeito *[ininteligível]* é a educação. Isto aqui nós debatemos há muito tempo e eu tenho o exemplo do que nós fizemos na NOVACAP para ter um programa educacional de primeira ordem. Eu era diretor da NOVACAP e duas das minhas funções eram a saúde e a educação. E logo depois que foi aprovado o plano de Lúcio Costa, nós vimos que o seu plano urbanístico era uma obra muito avançada. E nós achávamos, também, que tudo o que nós tivéssemos que criar para a NOVACAP, para Brasília, deveria ser em termos avançados e bem estruturados.

Eu era casado com uma senhora, que era professora no Rio de Janeiro, e pedi a ela que me indicasse os dois melhores educadores do Brasil. Ela me indicou Lourenço Filho e Anísio Teixeira; procurei o Anísio Teixeira e mostrei a ele como estava composto o Plano Urbanístico de Brasília. Pedi-lhe, então, que examinasse e nos apresentasse um plano educacional que estivesse também...

que fosse assim muito avançado, muito, vamos dizer assim, criterioso. Ele então... nós sabemos como ele fez o plano. Acontece uma coisa muito interessante, porque quando o Lúcio Costa fez o plano dele, dentro da quadra, havia um Jardim de Infância e uma escola-classe... não, uma escola primária que ele dizia lá, e depois, num determinado lugar, uma escola secundária. Então, dentro da quadra, a escola primária. E depois, uma escola secundária. E ele compreendeu o plano de Anísio Teixeira, que queria que fosse ali uma escola-parque e escola-classe dentro da quadra. Ele, compreendendo isso, deslocou o lugar da escola secundária para as quadras 700 e 600. Mudou o plano dele, compreendendo quem era Anísio Teixeira e compreendendo o valor do plano elaborado por Anísio Teixeira.

Eu trouxe alguma coisa aqui, trouxe aqui uma fotografia da inauguração da primeira escola primária, escola pública de Brasília, feita pela NOVACAP. Era o Grupo Escolar nº 1. Isso aqui, **[referindo-se às fotos]** eu vou passar tudo isso para a nossa Eva. Está aqui: 15 de outubro de 1957, inauguração da primeira escola pública de Brasília. Na foto, Pery da Rocha França - era chefe do Departamento de Edificações; o ministro da Educação, Clóvis Salgado; duas professoras; o presidente da NOVACAP, Israel Pinheiro; eu mesmo e, depois, José Feliciano, que era o Secretário de Goiás. Está aqui.

Bom, instalado esse grupo escolar, ele inaugurou aqui no Brasil, talvez... não, no Brasil não, porque o Anísio Teixeira tinha feito esse plano em Salvador quando ele era Secretário de Educação. E ficou naquilo, porque mudou o governo, ele saiu da Secretaria de Educação, e o sonho dele talvez fosse criar em outro lugar, e nós oferecemos esse... e, sem saber por que, oferecemos esse prêmio a ele, de seguir uma educação em tempo integral.

Aqui... isso aqui é o jornalzinho da escola, que chamava-se Grupo Escolar nº 1 e, mais tarde, foi denominada de Júlia Kubitschek em homenagem a Júlia Kubitschek, que era uma professora, era a mãe de Juscelino. Nós, depois, vamos tratar disso. Isso aqui é *A Voz do Estudante* e era um jornalzinho da escola. Aqui tem... *A Voz do Estudante*... e botaram aqui: *“É com os pés da criança que a pátria*

caminha". Então, veio aqui a menina Djeci Soares da Silva, da terceira série primária, fez aqui um... escreveu aqui umas poesias e tal. E vem aqui:

"Nossa Vida no Grupo Escolar nº 1"

*"Nossa vida aqui no Grupo Escolar é melhor do que em qualquer outro lugar. Sabe por quê? Aqui nós estudamos, somos educados, e aprendemos fazendo. Vou dar alguns exemplos: em nossa classe – a terceira série – já fizemos muitas coisas importantes. Quase todas as lições que nós aprendemos, nós as desenhamos. Por exemplo: quadro de vertebrados; as estações do ano; os movimentos da Terra; as partes das plantas; frações ordinárias; quadro de honra da leitura; e muitos outros. Estamos organizando o jornalzinho, o museu do índio e fazendo o aparelho de destilação. Já na quarta série, há o Hospital Oswaldo Cruz, o jornalzinho 'Gazeta Escolar'; na primeira série - dona Ana – há o correio e o, teatrinho de sombras; na primeira série - dona "Mariinha" - a lojinha do Chapeuzinho Vermelho. Vou falar sobre os estudos. Nossas professoras ensinam muito bem e fazem todos os esforços para que o nosso Grupo seja realmente o primeiro no estudo e no trabalho. Nós devemos dar graças a Deus pelo que o doutor Juscelino faz por nós. Recebemos em nossa escola instrução, educação e alimentação. Temos lanche às 9 horas e às quatorze e trinta. E à tarde, temos aulas de agricultura; horta e jardim; trabalhos manuais; desenho; modelagem; recreação; e ainda, biblioteca e canto. Ficamos no Grupo sete horas. Nossa diretora, dona Santa Alves Soyer, **[que, infelizmente, está muito doente, esclarece o doutor Ernesto]** faz tudo pelos alunos. Que Grupo maravilhoso temos aqui em nossa vila".*

Então, inauguramos, com essa agro-escola, o tempo integral na aula. Ninguém... todo mundo faz alarde de tempo integral. Começou em 1957, na 'escolinha' Júlia Kubitschek. *[aplausos]* Não vim tratar com... vim tratar de outras coisas. Depois então, nós, com muito, muito, muito trabalho... porque, dentro da NOVACAP, não consegui facilmente fazer a escola-parque da 308. Porque achavam que era uma escola de brinquedo. Foi uma luta. Fizemos um pedaço da escola, depois paramos, fizemos o outro; de modo que, quando nós tivemos a

escola pronta, foi uma glória nossa, uma vitória, porque foi muito difícil. Como foi também o Hospital Distrital.

Bom, então a NOVACAP... o ensino em Brasília se baseou nisso: escola-parque, escola-classe e Jardim de Infância, dentro da quadra. Por que dentro da quadra? Porque a criança não precisava ir... tomar uma viatura para ir à escola, a mãe da criança estava vendo ela sair, pela janela, até chegar à escola, é uma coisa íntima dentro da escola. E a escola-parque, cada quatro quadras tinha uma escola-parque para ir. Então, as crianças ficavam um turno na escola-classe, outro turno na escola-parque. E todas almoçavam na escola-parque. Então, quem ficava... e nós montamos, na escola-parque, uma cozinha industrial quase, que dava almoço para quase duas mil crianças. Então, isso foi andando um pouco, depois vieram mais quatro escolas-parque, depois veio o caso de não haver dinheiro. E eu fui obrigado a dizer ao Roriz... quando ele disse que não tinha dinheiro para a escola-parque, eu disse a ele: *"Governador, quem diz que não há dinheiro para a educação, não sabe o preço da ignorância; governador, a ignorância é muito mais caro"*. [aplausos] Mas a verdade é que ele não compreendeu e tudo continuou na mesma. Nós só temos cinco escolas; em vez de termos cem, duzentas, trezentas escolas no Distrito Federal igual à escola-parque, não temos coisa... nem nada. Agora nós temos um tempo integral em que a criança fica na mesma sala, tem a... fica na mesma sala e tal, tem um reforço de escola, mas é assim como se fosse uma meia sola, não é uma coisa como a gente queria... que a gente imaginava, compreendeu? Porque a escola-parque prepara para a vida, desperta vocações, não é uma escola... é uma escola em que se aprende, se aprende fazendo, em que o aluno escolhe o que ele quer fazer, o que ele tem mais vontade de fazer, o que ele tem mais propensão para fazer. De modo que é uma coisa diferente, que não é... eu reconheço que há muita gente que não entende, porque não é... o QI não é abrilhantado, mas a verdade é que é uma coisa tão... para um futuro melhor para as crianças e para o país. Porque muita gente acha que as coisas complicadas é que são boas, mas isso é muito simples, porque a criança fica o dia inteiro na escola.

Depoimento de um aluno da escola-parque, é um advogado muito famoso em Brasília:

“Aqui estudei. Não. Aprendi. Não. Vivi. Meus primeiros anos de escola jamais se perderão na memória, jamais deixarão de latejar no peito. Eu apenas com nove anos de idade, tempo de inocência e de aprendizado infinito, proporcionados pela minha escola-parque 308 Sul, como era conhecida, escola modelo, onde eu aprendi como ensinamento básico não a Matemática, as Ciências ou os Estudos Sociais, mas os princípios elementares que fazem da vida uma enorme diversão. Era tudo enorme brincadeira séria. Fico triste ao pensar que a maioria das crianças não pôde e não pode usufruir do modelo tão bem elaborado que até mesmo as crianças podiam perceber a sua magnitude. Aqueles ensinamentos até hoje norteiam a minha vida, anos e anos depois. Pavilhão de artes industriais, lugar de aprender profissões que, por certo, me inspiraram e me ajudaram a fazer a mais importante e difícil opção da vida. Aulas de arte e música, onde encenávamos peças teatrais que até hoje me emocionam profundamente quando volto ao nosso eterno teatro da escola-parque, em companhia da minha pequena Maria Laura, hoje com apenas três anos e que já tem como referência aquele espaço de cultura. Aulas de Educação Física, que muito desenvolveram os nossos sentimentos de luta, disputa saudável, de companheirismo, como nos ensinava a ‘tia’ Fátima. Tudo isso sob o austero e retilíneo comando da inesquecível ‘tia’ Delcide, nossa diretora, que está aqui guardada no coração. É certo que aquele tempo não volta mais, mas é certo também que a nossa escola-parque da 308 Sul está lá, grandiosa e de coração sempre aberto, para receberem os aprendizes, maiores conhecimentos da vida”.

Isso é a prova de... isso é repetido por todas as pessoas que foram para a escola-parque. Outro dia eu estava em uma reunião social e comecei a falar de escola-parque – porque a escola-parque é o meu xodó – e eu, falando da escola-parque, surge uma senhora: “Fui aluna da escola-parque”. E tudo é assim, é um entusiasmo tremendo. E agora, eu queria também... uma professora da escola-parque, no dia em que se comemorava os 45 anos da mesma, ela fez isso, um monte de versos, etc.

“Tic-tac, tic-tac. As horas passam, o relógio embala o sonho de um menino que vê além das paredes de sua sala de aula, lá longe, no futuro. Ele enxerga um lugar mágico, onde acontecem coisas, coisas divertidas, coisas diferentes. Futebol dos domingos pode virar aula? Não acredito! E os rabiscos das horas vagas podem virar lindos quadros? Que beleza! O leitor pode virar escritor? E o que ele escreveu pode virar peça? E se for poesia pode virar letra de música? Fantástico! Que lugar é este – pensa o menino suspirando – onde brincando se pode aprender? Onde a imaginação pode criar sem fronteira, num exercício constante de um faz-de-contas prazeroso? Com o passar dos anos, o menino tornou-se homem, educador, escritor, mas nunca deixou de sonhar. Porque aquela semente plantada em sua imaginação infantil havia se enraizado no seu coração, criado vida, saído do papel. Livre como um pássaro, o menino-homem virou um grande mágico, mas que gostava mais de dar aulas. E com sua varinha de condão, chamada idéia, transformou concreto e tijolos da escola imaginada na infância. E como não era uma escola comum, resolveu chamá-la escola-parque, por ser divertida, por ser mágica, por ser diferente, acreditando que o brincar faz parte do aprender. Anísio Teixeira, o menino-adulto, mágico e sonhador, apostou na criatividade da criança para solucionar os problemas do mundo. Na escola-parque o intelecto é amplificado, turbinado, potencializado e direcionado para as grandes transformações, através da arte, da cultura e do esporte. O ser humano se agiganta, participa, melhora a si mesmo e aos outros. Amplia seu repertório de possibilidades, resgata valores que ficaram para trás”.

Esta é a escola-parque. Os tempos foram passando e, até hoje, não se compreendeu o valor da escola-parque. Então, não adianta a gente reclamar, a gente xingar até, de raiva, as pessoas que passaram por aqui e que não compreenderam que gastar dinheiro não é... é investimento, é investimento, e a primeira prioridade é a educação, a segunda é a educação, e o resto é sub-produto, vem com a educação. Ninguém sabe disso, parece. O Miguel Couto, uma vez... o Miguel Couto pai, médico e tal, depois de uma conferência na Liga de Defesa Nacional, disse assim: *“Só há um problema nacional – é a educação do povo”*. E a gente vê, agora mesmo, que o Correio Braziliense descobriu o que

ninguém descobria; dezoito meses de governo, ninguém sabia que tinha prostitutas, que tinha pedófilos, que tinha crianças se entregando aos três, aos sete anos, ninguém via. O Correio Braziliense fez uma reportagem fantástica e aí é que foram descobrir que era preciso fazer alguma coisa, que eu não sei se será muito bem feito ou não. Então, é preciso que a gente... a primeira coisa é não imiscuir a política na administração. Não é possível! A gente está vendo aqui a Câmara Distrital, a questão de urbanismo, por exemplo. O urbanismo é uma ciência, não pode ser planejada por leigos, ninguém da Câmara Distrital conhece nada de urbanismo e fica fazendo leis inconstitucionais, ferindo o tombamento que nós conquistamos da UNESCO. Todo mundo fala em patrimônio cultural da humanidade, mas ninguém preserva o patrimônio cultural da humanidade. Então, a gente precisa... quem puder fazer alguma coisa pelas crianças, pelos jovens... o que nós podemos fazer... porque a coisa está tão desagregada, compreendeu? Tão confusa... porque só se pensa em 2010... o que vou fazer em 2010, quem vai ser em 2010, e tudo. A gente tem que mudar a mentalidade dos políticos, porque assim nós não vamos conseguir nada para o futuro. Muito obrigado! *[aplausos]*

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Muito obrigado, doutor Ernesto. Passamos então à exposição da professora Eva Waisros. Só queria perguntar: quem vai manipular este projetor multimídia? Como? Você pode? Obrigado, Rachel.

Professora Eva Waisros Pereira

Boa tarde a todos. Este é o recurso que a gente usa, *(referindo-se ao equipamento multimídia)* por conta da falta de memória na terceira idade. Não é o caso do doutor Ernesto, que ainda é jovem.

[breve interrupção por problemas técnicos]

[...] do coordenador deste evento, agradecer a presença dos componentes da Mesa, que foram convidados e aqui estão presentes, além do doutor Ernesto, que é pioneiríssimo, desde 1956 aqui no Distrito Federal à frente da NOVACAP, responsável por essas áreas de educação e saúde. Temos representantes da

Secretaria de Educação e de órgãos vinculados à Secretaria da Cultura. E a UnB, por meio da minha pessoa aqui representada, para discutir, às portas dos cinquenta anos de fundação desta Capital, a importância e a necessidade urgente de resgatar, de preservar, a memória da educação no Distrito Federal. Então, a expectativa é que a gente realmente possa, em parceria... essa é a nossa expectativa... Universidade, Secretaria da Educação e Secretaria da Cultura, encaminhar meios e modos para que se possa preservar a memória da educação no Distrito Federal.

Eu quero antes agradecer muito a presença de todos, na condição de coordenadora também. Alunos, professores da Universidade, colegas diversos, e especialmente agradecer assim, calorosamente, a presença dos professores, estudantes e gestores pioneiros [*aplausos*] que aqui estão e que vêm participando, com entusiasmo, dessa empreitada que, de fato, é a memória da escola, é a memória da educação, a memória dos profissionais da educação, que a gente vê a sua valentia, a sua decisão e toda a utopia com que vieram participar da construção desta nova Capital. Uma salva de palmas para eles, por favor. [*aplausos*]

O Heitor então já falou o porquê do título deste evento, este nome. Exatamente porque nós achamos que esta é a oportunidade de se criar caminhos para que essa memória possa ser preservada. E, para isso, nós pensamos e estamos desenvolvendo já aqui há quase dez anos, esta pesquisa que não é só nossa. A Secretaria da Educação teve ações anteriores, o Arquivo Público do Distrito Federal também, assim como outros órgãos, como o próprio Instituto Histórico e Geográfico, o DePHA, enfim, esse é o propósito, é a oportunidade, e a presença de vocês todos só vem fortalecer o nosso propósito. Eu acho que isso é muito significativo, é preciso revisitar a escola de ontem para inventar a escola de amanhã. Essa é a grande questão da memória e da história. Não se trata apenas de manter vivas lembranças, recordações, coisas antigas, fatos passados, mas é ter a plena consciência de que o conhecimento desses fatos, dessas ações, é fundamental para se entender a escola de hoje e para se construir a escola de

amanhã. E isso é que... é um fator fundamental para dar identidade à educação no DF.

Na verdade, o que eu pretendo mesmo aqui é uma prestação de contas, prestação de contas do trabalho que nós vimos fazendo neste projeto *Educação Básica Pública no Distrito Federal (1956-1964): Origens de um Projeto Inovador*. Porque muitas vezes se faz pesquisas, entrevistas, etc., e aquilo fica engavetado, ninguém toma conhecimento, não tem retorno, enfim, de repente é para que se faça um trabalho acadêmico, que se publique talvez em periódicos ou revistas especializadas, que pouco retorno têm. E o importante é isso, é essa satisfação do que se vem fazendo e do que se pretende ainda fazer. E como se pode contar com o efetivo apoio de todos, das instituições e das pessoas, para se chegar a um termo. Então, aqui, como vocês estão vendo, estão estabelecidos os objetivos principais do nosso projeto: *reconstituir a história da educação pública no Distrito Federal, em seus primórdios*. E nós temos esse período - 1956 a 1964 – com vistas à análise dos fundamentos, das políticas, dos acontecimentos que caracterizam a sua origem. A escolha desse período, inicialmente, não foi por acaso, foi realmente pensado. Como o doutor Ernesto teve oportunidade de dizer – e tantos outros professores aqui presentes falaram e enfatizaram em suas entrevistas – estava-se implantando no Distrito Federal um projeto inovador. O educador Anísio Teixeira foi quem o propôs, no plano de construções escolares, ainda em 1957, atendendo aos apelos da NOVACAP – o doutor Ernesto particularmente – para que delineasse as grandes diretrizes da educação no Distrito Federal. Ainda com o Lúcio Costa, quando projetaram o plano urbanístico, já foi estabelecido, na verdade, como deveria funcionar, tendo em vista: as unidades de vizinhança; as superquadras; aquele esquema de cada quadra uma escola-classe; a cada quatro superquadras uma escola-parque, para oferecer uma educação integral, não apenas os conhecimentos que a escola tradicional oferece, mas a complementação através da arte, da música, das letras, do trabalho de artes industriais nas variadas formas, para que, realmente, o aluno pudesse fazer, pudesse criar, e se pudesse criar uma verdadeira vida para a sociedade, para a cidadania. Então, esta é a grande questão. E torna-se importante resgatar, porque

Anísio Teixeira, como grandes outros renovadores da educação, vinha batalhando por essas idéias desde 1930, quando foi assinado o *Manifesto da Educação Nova*, que se colocava contrário à educação tradicional, meramente livresca e não voltada para a criatividade, para a ação do aluno, e etc. Então, é importante resgatar essa experiência, porque ela, realmente, naquela época, foi projetada e implantada para servir de exemplo ao Brasil.

Em termos da pesquisa, nós tínhamos em vista este segundo objetivo – *constituir inventário de fontes sobre a educação pública no Distrito Federal* - que seria a base para a pesquisa na área. Enfim, como desdobramento dessas ações, criar o museu da educação do Distrito Federal mediante a reconstrução da primeira escola pública da Capital da República, escola Júlia Kubitschek, inicialmente chamada Grupo Escolar 1 e depois, em homenagem à mãe do presidente, denominada escola Júlia Kubitschek. Essa escola foi criada em 1957, e attem: foi criada na Candangolândia, num acampamento, e essa escola já funcionava em tempo integral, nos moldes preconizados por Anísio Teixeira, para que se oferecesse aos alunos a educação integral. E se você... aqui estão professores da escola **[apontando para a projeção de fotos da época, no telão]** e, se vocês atentarem, é uma escola que é similar ao 'Palácio do Catetinho', onde residia o então Presidente da República. Olha como se valorizava a escola, na medida em que, em um acampamento, se construiu escola similar ao palácio onde morava o presidente. Então, essa escola se deteriorou... de madeira... se deteriorou... ficou sem condições... não houve preservação; embora várias solicitações de tombamento tenham partido como iniciativa das instituições, isso nunca se fez. E a escola se deteriorou a ponto de ter que retirar os alunos dela, e alguns anos depois ela ser ocupada por moradores sem teto. As condições precárias obrigaram, inclusive, a que eles fossem retirados. E a escola simplesmente não existe mais - existe o espaço físico - e só a reconstrução da escola já é um ato fundamental para a reconstituição dessa memória.

Ainda prestando contas, no desenvolvimento da pesquisa, o que nós conseguimos em termos de levantamento documental-bibliográfico? Acervos pesquisados em instituições depositárias: na Secretaria de Educação do Distrito

Federal; Arquivo Público do Distrito Federal; Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal; Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. E fomos ainda ao Rio, ao CPDOC, FGV do Rio de Janeiro, que tem uma grande documentação do INEP, do Anísio Teixeira, e que nós pesquisamos e reproduzimos para o nosso arquivo; o Centro de Documentação da UFRJ, que tem toda a biblioteca do INEP, com os documentos, revistas, etc., que foram pesquisados; e o INEP aqui, do Distrito Federal. Além disso, através dos nossos estudantes do PIBIC, fizemos essa pesquisa, por exemplo, do Arquivo Público do Distrito Federal – foi feito pela Araci, aqui presente. E dos jornais, é um outro estudante da graduação de História que está fazendo este trabalho maravilhoso, de pesquisa, de microfilmagem, lá no Senado Federal, na Câmara dos Deputados, jornal por jornal, desde o primeiro número, de 21 de abril de 1960, de tudo que existe sobre educação, escola pública, etc. E nós estamos copiando esse material, que vai ser... vai ficar nos nossos arquivos também. Já estão disponíveis; depois, quem quiser ver lá fora, estão lá. Pedro... não sei se está presente... mas Pedro é quem está responsável por essa iniciativa. Jornal DC – Brasília ele está iniciando agora, que é o Diário Carioca, que circulou em Brasília antes ainda da inauguração, se não me engano a partir de 1958, e que também vai ser objeto de pesquisa. Além disso, nós buscamos sítios eletrônicos, material e documentos, e, principalmente, acervos pessoais, doações... porque foram feitas pelos professores entrevistados: de fotografias, de documentos, de vídeos, enfim, estamos recebendo... e continuamos dizendo que estamos recebendo... nós precisamos disso para ampliar o acervo, organizá-lo, para levar para o museu da educação do Distrito Federal. E eu gostaria que isso fosse mesmo divulgado entre os colegas professores... aqui umas fotos também da escola-parque, alunos em atividade...

Como se fez? Quer dizer, além dessa pesquisa documental feita nesses acervos, nós utilizamos a metodologia da história oral. E aí é que entram, realmente, as entrevistas com gestores, professores e estudantes pioneiros. Fazíamos os roteiros, contatávamos as pessoas e entrevistávamos, seja através de gravação – vídeo cassete – seja através de filmes. Filmamos, seja aqui no

CPDOC, ou fomos às residências das pessoas, entrevistando e filmando. Mais recentemente, graças ao apoio que tivemos – é preciso dizer – da Fundação de Apoio à Pesquisa no Distrito Federal, que nos favoreceu na compra de equipamentos e com melhores condições para que prosseguíssemos na pesquisa.

A importância dessa metodologia de pesquisa é exatamente porque ela traz muito mais do que um documento oficial, do que alguma legislação, porque ela é feita com os atores, os protagonistas, as pessoas que construíram esse processo. Então, ela traz informações, ela traz sentimento, ela traz críticas e enriquece imensamente o acervo quando se vai reconstruir a história da educação e que se utiliza todos esses elementos para isso.

E realizamos, também, no semestre passado, o Seminário *Educação no Distrito Federal: Memória dos Professores, Estudantes e dos Gestores Pioneiros*, cujos Anais foram publicados, e que também são materiais de pesquisa. Aqui, fotos de escolas de acampamento, antes da inauguração de Brasília.

Aonde, afinal, nós chegamos? O que conseguimos nesse meio tempo? Um inventário sumário dos documentos de pesquisa. Quem quiser pesquisar, embora ainda numa organização precária, nós temos todo esse levantamento, seja material, seja no meio eletrônico, isso é fundamental. Fizemos 110 entrevistas gravadas e entrevistas filmadas, com professores, alunos e gestores pioneiros. Fizemos, com esses recursos que obtivemos, transcrição e revisão das entrevistas, para serem disponibilizadas material e virtualmente, seja para pesquisadores, seja para os interessados de forma geral. Produzimos um vídeo, que nós estávamos projetando lá fora – *Utopia da Educação: Brasília, 1956-1964* – e produzimos ainda um pequeno *paper* das primeiras idéias lançadas sobre o museu da educação do Distrito Federal, o resgate da escola pública de qualidade.

[Fotos de alunos e crianças nas escolas do Plano Piloto]

Nos *posters*, lá fora, temos assim fotos excelentes. Ah, sim... volte para ver a foto, desculpe, tem razão. Aqui em cima, a foto dos alunos na escola Júlia Kubitschek ainda. Aqui temos fotos, à esquerda, de professores, um grupo de professores, e lá, fotos das crianças saindo da escola-classe 308 Sul, já os prédios, etc.

Eu gostaria de dizer que, quando a gente fala em acervo, nós temos documentos escritos, nós temos fotografias, nós temos vídeos, nós temos filmes, as entrevistas sonoras, faladas, entrevistas filmadas, temos objetos – uma medalhinha, uma blusa que se usou não sei quando, um caderno, um caderno de plano de aula de uma professora da primeira escola pública, enfim, material riquíssimo para pesquisa.

Alguns resultados da pesquisa: já pudemos produzir alguns textos que foram apresentados em eventos científicos ou publicados em livros, revistas, etc., como capítulos, coletâneas... eu vou ler rapidamente: *Anísio Teixeira e o Plano de Educação do Distrito Federal*; *Escola-parque de Brasília: Uma Experiência de Educação Integral*; *A Escola Normal de Brasília e a Formação de Professores na Perspectiva da Modernidade*; *Escola Júlia Kubitschek, a Primeira Escola Pública do Distrito Federal*; *Raízes Pragmatistas da Educação do Distrito Federal*; *A Imprensa como Fonte para a História da Educação em Brasília* – esse é um trabalho já realizado pelo aluno do PIBIC – e *A Pesquisa em Arquivos: Fontes Documentais para a História da Educação em Brasília*, feito também pela nossa aluna do PIBIC, Araci Rosa.

Eu não vou me detalhar porque eu sei que existem outros oradores, eu vou dizer agora o outro, que são os textos que estão sendo elaborados. E está crescendo a equipe, outros professores estão se integrando para trabalhar já em cima desse material. Um é *Concepção de Trabalho em Anísio* – Lúcia Maria da Franca Rocha; *Origens do Sistema Educacional do Distrito Federal: Organização do Ensino Médio* – Francisco Heitor de Magalhães Souza; *Como Brasília Aprendeu a Ler* – Maria Alexandra Militão Rodrigues; *O Pensamento de Anísio Teixeira e a Educação Artística* – Lúcio Teles e Paulo Barecha; *Espaços Curriculares não Disciplinares na Pioneira Escola Normal de Brasília* – Lívia Freitas Fonseca Borges e colaboradores; *Profissionalismo e Identidade Docente: Primórdios da Educação Pública no Distrito Federal* – Renata Souza Silva, que está iniciando um trabalho de dissertação de mestrado, ingressando na pesquisa com esse tema. Então, vocês estão vendo que, à medida em que se organiza, é possível trabalhar, porque os documentos estão dispersos nas várias agências,

nas várias instituições; além disso, muitos foram descartados, lamentavelmente; nas escolas pouco se encontrou, porque não se tem essa cultura de preservação, e a gente tem que começar a criar isto. De forma que a tendência é ampliar muito este trabalho e todos vocês estão convidados a colaborar. Estamos com uma sala à disposição para pesquisa até que se crie o museu da educação. Sobre o museu da educação especificamente... porque, olha, temos um acervo já valioso, a tendência é ir aumentando dia a dia, isso poderia ficar como... projetamos aqui no CEDUC da ... mas é muito... aqui da Faculdade, mas esse acervo tem que ser disponibilizado para todos: pesquisadores, professores atuais da rede pública de ensino, estudantes e a comunidade. É um direito, e por isso é que nós queremos criar este museu. Eu tenho lido que vários outros museus criados nos estados começaram numa pesquisa, pesquisa que organiza o acervo e ela vai se ampliando e dá origem a museus, como tem o Museu da Escola, em Belo Horizonte, Museu Municipal de São Paulo, e outros.

"Museu é o lugar...". Essas são algumas idéias que nós colocamos no nosso *paper*. *"Museu é o lugar de apresentação e interpretação da prática cultural e testemunho vivo de uma cultura"*. Não podemos deixar morrer isto que representou um esforço coletivo para construir uma escola de qualidade e louvar, e homenagear, e registrar, a ação e a prática dos que a construíram.

"Reconstruir a escola Júlia Kubitschek - primeira escola pública do Distrito Federal - e resgatar, pela pesquisa, objetos, documentos e depoimentos de educadores e estudantes daquela época, recuperando, simbolicamente, o imaginário instituinte da fundação da nova Capital brasileira".

"O museu da educação do Distrito Federal terá, na ação educativa desenvolvida nos primeiros anos de história desta cidade, o seu principal eixo. O projeto museológico definirá a linguagem visual do museu, apoiada principalmente em formato multimídia".

Nós sonhamos com alguma coisa similar ao Museu da Língua Portuguesa de São Paulo; é claro que em miniatura, não é? Mas nós temos vozes dos professores, imagens dos professores, e enfim, temos condições de fazer um museu atraente, um museu em que as pessoas se sintam representadas, se

sintam integradas; então, precisamos pensar grande esse museu. O museu não é o lugar apenas de objetos velhos, mas é um local de integração do presente, de construção do novo. Por isso, propomos que esse museu tenha “[...] *um programa de educação permanente para professores, com a missão pedagógica de recuperar a utopia de uma escola pública de qualidade para todos*”. Muito obrigado. *[aplausos]*

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Bom, na seqüência, o professor Afonso Brito. Por favor...

Professor Afonso Brito

Professora Eva Waisros, demais membros da Mesa, senhoras e senhores, professores, alunos, circunstantes.

Eu tive a honra de participar, de maneira modesta, da formação do nosso governador José Roberto Arruda. Foi meu aluno durante sete anos e depois trabalhou comigo, como professor de Matemática, durante os cinco anos em que cursou a Faculdade de Engenharia de Itajubá.

Em 2006 ele me procurou em Itajubá – já estava em campanha - e me pediu que viesse a Brasília, caso eleito, para trazer a idéia de um projeto pedagógico que foi implementado em uma escola por nós dirigida, em Itajubá, em 2002.

Em 2001, a minha única neta estava cursando a última série do antigo curso primário, as quatro primeiras séries. Inconformado com a mesmice da educação naquela escola, que era uma escola de altíssimo nível, eu entendi que deveríamos pensar, nós os educadores daquela escola, o colégio 19 de março, numa proposta diferente, que pudesse resgatar aqueles valores da velha escola, tão bem situada pelo doutor Ernesto Silva, e conciliar aqueles princípios com os atuais princípios da escola moderna. Seria um resgate de valores, porque eu não entendia como uma escola pudesse se limitar à transmissão de conhecimentos. Aqueles valores que realmente forjam um indivíduo, formam o indivíduo, na verdadeira acepção da palavra, esses valores estavam marginalizados. E a idéia

nasceu e foi implementada exatamente quando a minha neta chegou à quinta série. Então, nós estamos a oito, sete anos de implementação do projeto, com absoluto sucesso. Mas, vejam bem, resgatar aqueles princípios éticos, aqueles princípios morais, aqueles princípios cívicos, humanizando a educação, com uma preocupação precípua com a formação humanística dos nossos jovens, que as escolas brasileiras, de um modo geral, se esqueceram. E o resultado começou a aparecer, incontinentemente. Colocamos algumas disciplinas de formação humanística, como boas maneiras, na quinta série; moral e cívica, que tinha sido banida após a reforma educacional; primeiros socorros, na sétima série; educação para o trânsito, na oitava série; educação sexual, no primeiro colegial; e Filosofia, no segundo ano colegial. E, em todas as séries, uma disciplina que não existe, que não consta em nenhuma grade curricular, de nenhuma escola brasileira – eu, pelo menos, não conheço - *fórum de debates*. O que seria *fórum de debates*? Começa na quinta série e vai até o segundo ano do segundo grau. São disciplinas objetivando a formação do caráter do indivíduo através da análise dos fatos que estão acontecendo ou que aconteceram em priscas eras, dando aos alunos uma visão crítica desses fatos, desenvolvendo neles um raciocínio lógico e um interesse extraordinário pela leitura. Porque eles, alunos, buscavam temas, fossem os temas factuais ou os temas atemporais. Novamente os resultados foram surpreendentes. Alteramos, substancialmente, a sistemática de avaliação inovando-a, fazendo com que o aluno realmente estivesse, permanentemente, preocupado em aprender. Lançamos o chamado *Sistema de Avaliação Sistematizada* - todo dia é dia de avaliação – SAS. Eu vou mostrar para vocês alguns aspectos desse projeto, de uma maneira muito sucinta, porque eu não quero, evidentemente, me prolongar. Aqui está a primeira logomarca nossa, com os aspectos mais importantes: a motivação, a ética, a capacitação, a disciplina e a cidadania. Aí, um pensamento: “*Tome os meus desejos como realidade, porque eu acredito na realidade dos meus desejos*”. A nossa nova logomarca. E aqui a pirâmide, com os fundamentos básicos do projeto: qualidade de ensino, formação humanística, austeridade e motivação. Vejam, eu cheguei em Brasília para a posse do Arruda. Estou, portanto, há um ano e oito meses. Vim para uma cidade

onde militaram e militam alguns dos maiores educadores brasileiros. Para mim foi uma honra extraordinária poder participar desse processo. Mas a essência do *Projeto Reencontro* está sustentada em duas pirâmides: educação primorosa e formação humanística. Eu não estou nem um pouco preocupado com a educação primorosa, por uma razão muito simples: eu estou militando na Secretaria de Educação desde que cheguei e pude constatar que, realmente, os professores do Distrito Federal são excepcionais, de altíssimo nível. O que me preocupa é exatamente o resgate dos valores éticos e morais. Não estou nem um pouco preocupado se os meus alunos, num processo elitista que caracteriza a educação no Brasil, que só se preocupa com a formação de profissionais de terceiro grau – médicos, advogados, engenheiros, dentistas... eu estou preocupado com a formação do indivíduo, que ao ser inserido na sociedade, possa realmente desempenhar o seu papel, seja como um profissional técnico, seja como um gerente de uma empresa, mas que seja um homem na verdadeira e lídima expressão da palavra. Com honestidade, com probidade, com dignidade, com ética, porque esse é, indubitavelmente, na minha modesta aceção e concepção, o principal papel de um educandário: formar o indivíduo, independentemente da missão a ser cumprida, independentemente do que ele vai ganhar, independentemente do que ele vai fazer. Tenho comigo – e eu sou apaixonado pela educação – eu tenho comigo... que me perdoem os demais profissionais, mas o médico, o sacerdote – ou o pastor – e o professor são, indubitavelmente, os grandes valores de uma civilização. Porque o médico cuida do corpo, o sacerdote, da alma, e, ainda que minhas palavras possam parecer pretensiosas, dos três, o professor é o mais importante, porque é ele quem vai formar o médico e é ele quem vai formar o sacerdote. Conseqüentemente, nós temos que atentar para esses aspectos. Austeridade. Por que austeridade? Porque hoje o professor perdeu o seu valor, a sua dignidade. O professor hoje não é como era, respeitado, como na época em que nós fazíamos o ginásio, o colegial. Eu, realmente, não sinto... eu me lembro dos meus professores e do respeito que nós tínhamos por eles. Não precisamos ir muito longe: no Japão, o Imperador apenas se curva diante do professor. Então, é preciso resgatar esses valores. E a disciplina é

fundamental, a austeridade na escola, porque ali os jovens aprendem a ter uma postura compatível, quando adultos. E motivação porque, realmente, sem entusiasmo ninguém consegue um resultado satisfatório.

Esse pensamento do Tolstoi é interessantíssimo: "*A melhor maneira de educar consiste em levar os jovens às ruas, aos museus, às bibliotecas, aos teatros, aos lugares enfim onde a vida acontece e a arte imita a vida*".

Simultaneamente com a proposta educacional que vai ser implementada em fevereiro do ano que vem, nós já estamos trabalhando com algumas escolas – a receptividade tem sido extraordinária, por parte de professores, alunos, pais de alunos - e eu estou absolutamente convencido de que, sem nenhuma dúvida, nós vamos atingir os nossos objetivos, porque, daquela semente que foi lançada há sete anos no colégio 19 de março, hoje nós temos, no Sul de Minas, cinquenta e duas escolas aplicando a mesma sistemática, o mesmo projeto pedagógico; cinquenta e duas escolas, entre públicas e particulares. Mas eu não poderia deixar, antes de terminar, de louvar essa iniciativa extraordinária liderada pela professora Eva, porque o próprio nome do projeto diz: *Projeto Reencontro*. Eu não entendo como a Capital da República, o centro nervoso, o centro político do país, ainda não se preocupou com o resgate e a memória desses homens extraordinários que construíram esta cidade. Lendo, recentemente, um artigo interessantíssimo do Roberto Pompeu de Toledo, na revista Veja, ele fala de uma eleição feita em Brasília para indicar as sete maravilhas da Capital brasileira. Estão lá a Catedral; o Congresso Nacional; o Palácio do Planalto; Palácio do governo; o Templo da LBV; a Ermida Dom Bosco e a ponte JK. Vejam... aliás, ele faz, de maneira muito curiosa, uma lista alternativa com sete locais onde aconteceram os grandes escândalos de Brasília. Evidentemente que eu não vou citá-los, mas muito interessante o artigo do Pompeu de Toledo. Agora vejam: catedral, ermida, palácios, ponte. Nenhum museu. Por isso, eu louvo a iniciativa do grupo da UnB, porque eu não posso entender. Eu me lembro, lendo, há tempos... eu sou fanático por História, a despeito de ser professor de Biologia... quando da Segunda Guerra Mundial, a cidade de São Petersburgo ficou sitiada durante 900 dias pelas tropas de Hitler. E os russos tiveram uma preocupação em

preservar aquele museu extraordinário, o Hermitage, de tal maneira que ele não pudesse ser violado, de tal maneira que ele não pudesse ser usurpado. E, na mesma reportagem, eu li: se eu parar um minuto diante de cada obra de arte do Hermitage, eu saio onze anos mais velho. Assim acontece na Espanha, assim acontece na França. E por que não no Brasil? Nós, da Secretaria de Estado da Educação, também temos um projeto que poderá ser incorporado a este projeto, muito mais amplo, liderado pela professora Eva, resgatando toda a história da escola pública do Distrito Federal. Nós já temos, inclusive, a logomarca e, futuramente, acredito que estaremos com essa idéia concretizada. Meus amigos, ao terminar, eu gostaria de dizer... tem um pensamento, também excelente: *“Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor”*. Eu gostaria que vocês fizessem uma pequena reflexão sobre este pensamento de Goethe, porque, inegavelmente, a força que se manifesta através de uma idéia, de um pensamento, de uma proposta, essa força é incontrolável, principalmente, mormente, se ao lado daquela proposta, daquela idéia, daquele pensamento, estiverem homens que, com a graça de Deus, possam cerrar fileiras em torno dessa mesma idéia, desse mesmo pensamento, dessa mesma proposta. É esse o pedido, é essa a mensagem que transmito a todos vocês educadores: para que participem efetivamente dessa proposta extraordinária. Nós... eu estou aqui com a minha equipe e eu gostaria, me perdoem, de apresentá-la, a partir do Orlando, do companheiro Nelson, das professoras Renata, Luciana e...

FINAL DA FITA I

FITA II [1h. 25min.]**Professor José Carlos Coutinho**

[...] o convite da professora Eva, que é o museu da educação do Distrito Federal. Hoje estamos com outro grupo, estou extremamente honrado, primeiro por receber este convite, segundo por vir acompanhado de tão ilustre companhia de todos os companheiros de Mesa, com quem não se pode perder a oportunidade de sempre aprender um pouco mais.

Eu pedi para dizer algumas palavras, tanto quanto o tempo permita, que não é muito extenso, sobre os problemas da memória.

Há poucos dias estávamos em um café - um grupo de 'maduros', vamos dizer assim - em que todos se queixavam da perda progressiva da memória, do esquecimento, que, aos poucos, ia invadindo as nossas cabeças. E, ao lado, estavam os irmãos Guimarães, famosos diretores de teatro aqui de Brasília - Fernando e Adriano - que são especialistas em Beckett. E, quando eu saí, um deles me puxou e disse: "Eu não pude deixar de ouvir o que vocês diziam e quero apenas citar uma frase do Beckett, um pensamento dele, que diz mais ou menos o seguinte - *o esquecimento é a defesa e a salvação dos idosos*.

Não importa que razões ou que intenções tenha tido Samuel Beckett para dizer isso; não vamos contestar sua inteligência, o seu talento. Mas, em se tratando daquilo que é o objeto do nosso trabalho, eu sou obrigado a discordar. O nosso esforço todo é no sentido de não esquecer, é no sentido de preservar a memória, é no sentido de manter vivos os testemunhos da memória. Sem confundir memória com história. A memória é exatamente... são as pegadas da história no tempo, no nosso ambiente, aquilo que faz com que a história se torne visível e tátil, ou lembrada pelo menos, já que hoje nós falamos de patrimônios dessa história, que podem ser tanto materiais como imateriais. E é exatamente nessa categoria, dos patrimônios imateriais, que nós citamos o pensamento daquele que foi o maior educador que já passou por Brasília - Anísio Teixeira - e que aqui deixou vestígios das suas idéias, do seu pensamento, transformados em

arquitetura, transformados em propostas educacionais e transformados, principalmente, em cidadania, pessoas que se tornaram grandes cidadãos de Brasília, cujo relato, cujo testemunho, o doutor Ernesto nos leu ainda há pouco. Então, eu queria exatamente falar sobre esse esforço de preservação da memória e o que é possível fazer para que ela não se perca no tempo. Todos os fatores são adversos, conspiram contra a preservação dessa memória. Nós estamos constantemente empenhados – eu digo nós porque eu estou aqui acompanhado do Jarbas Marques, que é um desses batalhadores da memória; do doutor Ernesto Silva, que talvez seja o maior de todos; professora Eva; enfim, todos nós estamos empenhados para que essa memória não se perca. Então, nós estamos empenhados na conservação dos testemunhos da história, estamos empenhados na manutenção e lutando para que isso aconteça, o que nem sempre acontece. Nós temos uma queixa e uma mágoa enormes do desdém com que, muitas vezes, a história, sob a forma de cultura, é tratada pelos governos, que dão mais importância ao transporte, à segurança, à saúde – não vamos comparar – e o que sobra, se sobra, às vezes é destinado então à preservação da memória.

Certos objetos dessa memória, que... nós estamos falando de uma cidade com apenas... com menos de cinquenta anos de vida, em que seria relativamente fácil preservar os objetos dessa memória, se nós compararmos com cidades que têm mais de mil, dois mil anos, como é o caso das cidades européias, cidades do Oriente Médio, por exemplo. Seria muito fácil se nós destinássemos um pouco mais de atenção, de apreço, à conservação dessa memória. No entanto, nós estamos assistindo, diariamente, a essa memória ir se perdendo. Nós viemos falar do museu da educação do Distrito Federal, que nós imaginamos venha a se abrigar num dos primeiros edifícios construídos nesta cidade, um edifício que foi irmão gêmeo do Catetinho, que ainda hoje felizmente está de pé - e que nós deixamos perder. Eu, quando cheguei em Brasília, ainda vi as ruínas desse edifício e que hoje não deixou nem vestígio, um edifício de madeira, localizado na Candangolândia, e que nós pretendemos, como último esforço, último recurso, reconstruí-lo, sabendo que o original foi perdido com toda a sua autenticidade. Mas pretendemos reconstituí-lo usando de um artifício que muitas vezes é até

condenado pelos restauradores e pelos conservacionistas, que... e os mais radicais dizem que, quando um monumento se perde, ele está perdido definitivamente, ele passa a fazer parte da memória, da história, mas a sua existência material se perdeu e que tudo o que se venha a fazer depois não passa de um simulacro, de um arremedo, de uma imitação. Mesmo assim, conscientes disso, nós queremos esse edifício de volta, vamos lutar para que ele exista novamente. Há poucos dias ainda, fato semelhante aconteceu quando, em meio à luta pela restauração da primeira igreja que se construiu em Brasília, que foi a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, no acampamento da Vila Metropolitana, no Núcleo Bandeirante, um incêndio a consumiu por inteiro, quando bastariam alguns, uns poucos milhares de reais para mantê-la conforme o original, na sua autenticidade. E, no entanto, nós deixamos que ela se incendiasse, incêndio aliás suspeito, até hoje não apurado, não é? Como já tinha sido incendiada a Igreja de Nossa Senhora de Pompéia, aqui na Vila Planalto, aqui bem próximo de nós, e que nos obrigou também – à diretoria do Patrimônio Histórico – a construir um arremedo, esse sim um arremedo, porque nem sequer respeitou a sua proposta original, introduziu modificações, acréscimos, etc., que não eram necessários e que foram exigências do momento. Mas não importa, nós estamos perdendo oportunidades de manter vivo o nosso passado. E isso é tanto mais importante de se dizer quando nós temos vivos, presentes entre nós, aqueles que fundaram esta cidade, aqueles com os quais hoje nós temos a honra de conviver e receber o seu testemunho e os seus comentários, e um pouco do que eles têm para nos contar sobre essa história. Pois bem, essa história pode ser contada, também, através da obra humana, dos edifícios, dos monumentos, que, infelizmente, nem todos nos estão chegando por inteiro.

A escola Júlia Kubitschek deixou o terreno vazio. Há poucos dias eu levei um susto ainda, quando me disseram que essa escola iria ser reconstruída pela administração da Candangolândia - onde ela se situava - em alvenaria, e que receberia o mesmo nome. E aí, verificando junto à administração, tive o alívio de constatar que seria realmente construída uma escola que receberia o nome de Júlia Kubitschek, mas que não pretendia ser a reprodução da escola

desaparecida. E que o terreno ainda lá estava esperando por nós, eu imagino, para que se possa reconstituir essa escola. E, neste caso, se justifica a reconstituição usando dos mesmos argumentos que foram usados na reconstrução de Varsóvia, quando primeiro se estabeleceu essa polêmica: Varsóvia deveria ou não ser reconstruída, uma vez que ela foi inteiramente arrasada quando os alemães, os nazistas, se retiraram da Polônia? E alguém dizia que seria melhor abandonar essa idéia, conservá-la na memória e construir, ao invés, uma cidade do nosso tempo. No entanto, aqueles que no momento poderiam ser chamados de saudosistas, mas que não eram, tinham a plena consciência da história do seu povo... porque é preciso que se diga que o homem é o único animal que tem consciência da História, e isso é o que o diferencia, fundamentalmente, dos demais seres vivos; ele tem consciência da sua história, não só da sua história individual, mas da sua história coletiva. E, nesse momento, se estabeleceu o seguinte dilema: a destruição súbita da cidade produziria uma ruptura, uma descontinuidade da memória entre as gerações, aquela geração que viveu ali, que se lembrava de todos os detalhes materiais, e a nova geração, que receberia esse testemunho apenas como relato oral? E acabou vencendo, felizmente para nós, aquela corrente que propugnava pela reconstrução idêntica, fidelíssima, da cidade original, em que foram utilizados, inclusive, os materiais das ruínas dos edifícios destruídos - que se tornaram ruínas - para reproduzir, com a maior perfeição possível, com base em documentos de época que ainda existiam - fotografias, plantas, etc. - nos testemunhos, e ainda, na mão-de-obra existente, uma cidade que, quem visita hoje, pensa que está na cidade original. Bom, isso rompeu com certos cânones da época, cânones modernos, do preservacionismo, que eu já disse a todos que eram aqueles que consideravam o perdido como algo sepultado. E nós temos alguns exemplos disso, como é a própria Vila Planalto, que, infelizmente, do seu aspecto original não conserva a não ser meia dúzia de casas de madeira muito maltratadas, diga-se de passagem. E outros exemplares, como o Núcleo Bandeirante, que era a antiga Cidade Livre, e que foi totalmente renovada, renovada entre aspas, porque eu não sei se o que a especulação imobiliária realizou ali significa, realmente, uma renovação ou se aquilo é uma

regressão. Mas todas as suas construções de madeira foram perdidas, com uma única exceção, felizmente para nós, e que custou muito discurso e muita luta, que foi o Hospital JKO, o antigo Hospital do IAPI, o primeiro hospital de Brasília, cujo cinqüentenário nós pudemos comemorar, há poucos dias, na companhia do primeiro diretor desse hospital, que esteve ali conosco, confirmando aquilo que eu dizia, que é essa honra que é conviver com os fundadores da cidade, e que, neste momento, nós estamos revivendo essa honra com a presença do doutor Ernesto.

Pois bem, nós queremos reconstruir a escola Júlia Kubitschek. Foi a primeira escola de Brasília, foi um projeto de Oscar Niemeyer, é um projeto que se utiliza dos mesmos materiais, da mesma técnica construtiva do Catetinho. É um belo edifício. Não é apenas nostalgia que nos move a isso, é a reconstrução de um belo edifício e que terá, por certo, um belo destino, unanimemente aprovado por todos os que tomam conhecimento dessa idéia que nasceu aqui, com a professora Eva, do museu da educação do Distrito Federal. Eu quero lembrar uma figura, infelizmente já desaparecida do nosso meio, e que era responsável por um pensamento e uma frase que eu considero lapidar, respondendo a esses que achavam que querer voltar ao passado é uma atitude nostálgica, é uma atitude de regressão, que o tempo tinha que andar para a frente, que o progresso anda para a frente, e que a volta, dessa forma reverencial, à história, não passava de uma atitude saudosista: Aloísio Magalhães. Ele usava de uma imagem que, para mim, é exemplar. Ele dizia que, quanto... usando a imagem de um estilingue, que em diversas regiões tem denominações diferentes, é a atiradeira, funda, enfim o estilingue... que, quanto mais puxa para trás, mais à frente se arremessa o seu projétil. Então, a História, para nós, é essa matéria com a qual se aprende e se reaprende constantemente. Nós estamos reproduzindo História, sim, reproduzindo. Mas não nos envergonhamos disso, estamos com isso aprendendo e reinventando a História futura, que é o que nos interessa. Nós estamos buscando no passado, sim, os elementos que nos conduzirão ao futuro. Nós estamos construindo um futuro para o nosso passado. E eu tenho a certeza de que a escola Júlia Kubitschek irá se inserir nessa visão, nesse quadro, e irá responder àqueles que nos vêm com desconfiança – eu próprio sou um adepto

dessas teorias renovadoras, mas com muitas exceções, porque cada caso é um caso. Então, nós temos o dever, neste momento... eu já estou autorizado, depois de muita luta – o doutor Ernesto sabe disso – a convocar uma reunião em que nós vamos fazer propostas concretas de refeitura da escola Júlia Kubitschek. Eu quero, ao dizer isso, render minha homenagem ao Jarbas Marques, que foi quem iniciou esse processo e que me antecedeu na diretoria do Patrimônio Histórico. E quem iniciou esse processo de reunião de forças, inclusive materiais, financeiras, que nos poderão conduzir a este objetivo. O Jarbas, se desejar, poderá fazer menção a isso, mas ele é, desde já, um dos relacionados para essa reunião, juntamente com a professora Eva, com a Secretaria de Educação, o Dr. Ernesto, o Instituto Histórico e Geográfico, na pessoa do coronel Heliodoro, e talvez mais algumas pessoas, para que possamos lançar então as bases concretas de um projeto de reconstrução, de reconstituição, digamos assim, de reprodução dessa escola que nós vamos ressuscitar deste sono que ela vem dormindo desde que foi destruída.

Eu trouxe aqui algumas fotografias que, infelizmente, não vou poder mostrar, mas que eu vou depois passar para a professora Eva e que mostram essa escola quando ainda íntegra, quando ainda tinha vida. As pessoas lá de trás me perdoem, não posso fazer melhor do que isto no momento, mas vocês terão ainda oportunidade de vê-la mais de perto. Que depois se transformou, lamentavelmente, nessa ruína, e depois nem mais em ruína, nem mais ruína restou. Então, era isso que eu queria dizer, mas lembrando, para finalizar, que na próxima semana... nós recebemos um convite para o coroamento de uma outra luta, que é a instalação, na Universidade de Brasília, do primeiro curso de museologia que será aqui ministrado. Como nós estamos brigando, também, por cursos de arqueologia, por outros cursos que atualizem e abram o horizonte do conhecimento, de que a universidade tem se esquecido, traindo inclusive o ideal de Anísio Teixeira, porque... eu trouxe aqui, não vou poder mostrar, uma matéria que eu recolhi numa revista publicada em 1960, que era a revista *Módulo*, publicada por Oscar Niemeyer, em que ele descreve o plano de construções escolares de Brasília e onde ele menciona a escola-parque, que já foi

exaustivamente exposta, na sua plenitude, pelo Dr. Ernesto. E menciona, também, a Universidade de Brasília, que é a retomada – talvez muita gente não saiba disso – do primeiro projeto de universidade moderna que se fez no Brasil, que era a antiga Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, em 1933, 1935. Foi na época em que se fez o Ministério da Educação, em que Le Corbusier veio como consultor inclusive; foi de 1933 a 1937, mais ou menos nesse período em que Lúcio Costa projetou, baseado nas idéias, nas propostas de Anísio Teixeira, a primeira universidade com estrutura departamental que se tomou conhecimento no Brasil, além de uma série de outras inovações. Como ele fala aqui também na escola-parque, que deriva de um antigo projeto realizado na Bahia, em Salvador, em 1950, e que era o Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro, que depois vem a dar margem à escola-parque, montando esse verdadeiro sistema educacional que iniciava uma criança aos quatro anos de idade e que não se completava nunca no seu processo educativo, na sua... através do... que prosseguiria pela sua vida adulta, na universidade, a sua pós-graduação e os seus programas de pesquisa e tudo o mais. Portanto, as nossas homenagens ao Anísio Teixeira, que foi transformado... e aqui eu quero também louvar a iniciativa do Jarbas Marques, porque foi na sua gestão, ainda no ano passado, que transformou o ideário educacional-pedagógico de Anísio Teixeira no segundo patrimônio imaterial, cultural, imaterial, de Brasília. Então, nós estamos, sim, resgatando os nossos nomes, vagarosamente, lentamente, talvez sem a presteza necessária, mas estamos fazendo um esforço para resgatar esses nomes. Basta dizer que, apenas agora, nós estamos com cinco ou seis patrimônios imateriais relacionados para transformar em patrimônios culturais do Distrito Federal, mas temos essa alegria de saber que Anísio Teixeira foi o segundo deles. E o primeiro, curiosamente, é um personagem também desta universidade, que foi o “seu” Teodoro, que criou o famoso *boi-bumbá do “seu” Teodoro*, revivido das tradições maranhenses por um homem que hoje está beirando os noventa anos, se já não estiver. Então, eu finalizo com esses comentários e essas observações, agradecendo o convite da professora Eva e a paciência que vocês tiveram de ouvir-nos. *[aplausos]*

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Bom, então passamos a palavra ao professor Jarbas Marques, do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Professor Jarbas Marques

Boa tarde a todos. Eu, antes de tudo... o doutor Ernesto registrou que a professora, a pioneiríssima Santa Soyer está... ela saiu da UTI, mas está em casa. Eu queria pedir, como professor, uma salva de palmas para ela, que é a figura maior do início da educação no Distrito Federal. *[aplausos]*

Há sete anos eu iniciei, em Brasília, com professores da Fundação Educacional à época, hoje Secretaria de Educação, a educação patrimonial. O que é essa educação patrimonial? Eu faço uma pergunta basilar: ***[dirigindo-se a um dos presentes]*** qual foi o primeiro patrimônio que você teve na vida? ***[a pessoa do auditório dá a sua resposta sem que seja, no entanto, audível]*** Não, foi sua vida. A sua vida e o seu processo educacional, que seus pais fizeram: o que você não deveria comer; lhe ensinaram a andar; lhe ensinaram a tomar banho, ambiente de higiene. Então, você foi ensinado a tomar conta desse patrimônio, que foi a vida que você ganhou. Se a gente não conhece esse processo, não pode respeitá-lo. É hoje a que estão reduzidas as escolas: são mini-presídios, com muros altos, arame farpado, policial na porta e tudo aquilo que há de negativo. Essa educação patrimonial era para referenciar o que vem a ser Brasília. Por que nós estamos aqui no planalto central brasileiro? De onde vem essa vontade geopolítica, de onde vem isso? O doutor Ernesto Silva é resultante de um processo político e geopolítico de mais de duzentos anos. Eu vou explicar por que. Na minha visão, a formatação do Brasil como pátria e nação se dá na Guerra do Paraguai, quando, só depois de um ano que o território brasileiro é invadido pelas tropas de Solano Lopez, é que sai, daqui de Goiás, o 20º Batalhão de Caçadores para dar combate à invasão. E aquilo que se viu na marcha desse 20º Batalhão - a Retirada de Laguna - que está configurada na literatura, não só nacional, mas na literatura militar. E o que viram os brasileiros? Viram o vazio demográfico que existia em tudo aquilo que os bandeirantes, as entradas e

bandeiras, que, a partir de 1630, quando os brasileiros romperam o Tratado de Tordesilhas e asseguraram a continentalidade brasileira... a partir dessa constatação do vazio demográfico, os republicanos que chegaram... quem sabe aqui por que os argentinos, até hoje, chamam a gente de *macaquitos*, os brasileiros? Você sabe? Não? É porque as primeiras tropas que entraram em combate na Guerra do Paraguai eram os batalhões dos Voluntários da Pátria, compostos de nossos irmãos negros. E a 'índiaiada' paraguaia nunca tinha visto negro. E perguntava: "*Pero, no tiene cola?*" "*Por que esses macacos não têm rabo?*" Até hoje essa ignomínia os argentinos usam contra a gente. E esses irmãos nossos, que lutavam para defender o regime que os escravizava... porque a Igreja benzia os chicotes da escravidão, os nossos irmãos negros eram considerados sem alma, como animal de carga. E desses primeiros combates, os branquelos como eu e outros componentes da Mesa, viram que eles eram seres humanos que lutavam com a maior dignidade guerreira em defesa de um regime que os escravizava. E na volta do final da guerra eles tomaram consciência geopolítica do vazio demográfico e da junção das três raças: os donos da terra, os índios; os brancos europeus e os nossos irmãos negros. Isso se configura politicamente na primeira Constituição da República, nos três primeiros artigos que determinam a mudança e a demarcação da Capital do Brasil no planalto central brasileiro. Essa é a primeira constatação geopolítica da vontade dos republicanos. E quem organizou o golpe foi uma figura que era basilar na estrutura dos quatro movimentos sociais que presidiam essa junção de brasilidade: a maçonaria, o positivismo, o antiescravismo e o republicanismo. E o que aconteceu? Porque eu falei... o doutor Ernesto é, numa frase lapidar do meu presidente no Instituto Histórico, é o 'pioneiro do antes'. Por quê? Em 1946, quando da Constituinte... o Getúlio Vargas, na "polaca", no Estado Novo, retirou o artigo da primeira Constituição, determinando a mudança da Capital para o planalto; ela só foi recolocada em 1946. E está fazendo sessenta anos da segunda missão, depois da missão Cruls, a primeira missão do general Djalma Poli Coelho, que era presidente do IBGE. É uma figura que tem que ser resgatada, pelo valor dele como cientista e como geógrafo. Basta se ver o valor dele, que ele, com 29 anos,

como capitão, foi colocado para fazer as divisas entre o Paraguai e a Bolívia, na Guerra do Chaco, fomentada pela Esso e pela Texaco, entre o Paraguai e a Bolívia. E, cumprindo a Constituição, é recolocado esse artigo. E, quando o presidente Getúlio Vargas, não mais como ditador, volta na condição de presidente eleito, coloca o chefe de gabinete militar, o general Aginaldo Caiado de Castro, como presidente da Comissão de Planejamento, Coordenação e Mudança da Capital Federal. E o general Aginaldo Caiado de Castro contrata uma das duas únicas firmas que, à época, faziam aerofotogrametria: era a Lufthansa, na Alemanha, e a Cruzeiro do Sul. Ela fez o que se chamou *Polígono do Congresso* ou *Retângulo do Congresso*, que a Comissão Poli Coelho estendeu o que Cruls tinha feito em 1892, de 14.400 quilômetros quadrados para setenta e tantos mil quilômetros – e vocês pesquisadores, esses mapas estão lá no Arquivo Público, e a dona Aldécia faz isso. E quando o Getúlio Vargas se suicida, o Café Filho assume e troca... é quando, pela mão do doutor Ernesto Silva, o marechal José Pessoa é colocado como presidente da Comissão de Planejamento, Coordenação e Mudança da Capital Federal. E o marechal José Pessoa vem, no dia 5 de fevereiro de 1955 – doutor Ernesto era o secretário dele na Comissão – mais o marechal Travassos e o vice-governador de Goiás, Bernardo Sayão, que os espera em Planaltina. E demoram, de Planaltina até ali aonde está o cruzeiro, atrás do Memorial JK, cinco horas de jipe, porque não tinha estrada. E eles escolhem o *sítio castanho*, onde nós estamos hoje. O marechal Pessoa e doutor Ernesto voltam – mais o marechal Travassos – para o Rio e o presidente Café Filho não desapropria as terras escolhidas por eles para situar a Capital. No dia 30 de abril de 1955 ele volta a Goiânia – ele e o doutor Ernesto – e fala com o governador de Goiás, José Ludovico de Almeida: “*Se vocês goianos não tomarem a iniciativa, a Capital não sai*”. Naquela mesma noite, o governador faz, através de Segismundo de Araújo Melo e Jorge de Moraes Jardim, um projeto em que os goianos criam uma Comissão de Cooperação e Mudança da Capital e desapropriam as terras escolhidas pelo marechal, doutor Ernesto e o marechal Travassos, que é o *sítio castanho*, que era a Fazenda Bananal, de Jorge Peres e Jerônimo da Silva. Então, por isso que o doutor Ernesto é o ‘pioneiro do antes’: ele

participou da escolha do local da Capital e da coragem política e pessoal - e da dignidade - do marechal José Pessoa, que enfrentou o Presidente da República para cumprir uma determinação constitucional e geopolítica de mais de 200 anos. E cabe ao doutor Ernesto, com a sua peculiar modéstia, isso que nós estamos discutindo.

E, por uma coincidência metafísica, vou voltar ao Velho Testamento: foi a Eva quem começou isto. E, para homenagear você, Eva, eu vou repetir o que vi num pára-choque de um carro, de um caminhão, que é a maior profissão de fé heterossexual: *A mulher foi feita da costela; já pensou se fosse feita do filé?*

E o doutor Ernesto chama para fazer o projeto... ele faz o projeto da saúde, que antecede, historicamente, ao SUS, não essa bagunça que está aí, mas ao SUS... e o maior pedagogo, doutor Anísio Teixeira, faz o projeto. Esse projeto é... ninguém tocou aqui nas bases ideológicas desse projeto. A primeira reforma educacional foi feita, nada mais nada menos, pelo organizador do golpe que acabou com o Império dos Orléans e Bragança. Então, na época, os positivistas queriam que a humanidade evoluísse através do cientificismo, e a reforma educacional feita foi para introduzir o cientificismo no ensino brasileiro. E o que ninguém colocou foi a luta ideológica contra a Igreja, que determinava a educação das elites num regime escravocrata em que se manteve... e Anísio Teixeira pagou por esse ideário republicano. Porque, se antes as escolas eram integrais, mas só os filhos dos latifundiários, das pessoas ricas, é que podiam ter ensino integral, nos internatos e nos semi-internatos - nas escolas pagas. E doutor Anísio foi perseguido por isso, foi perseguido pela Igreja Católica, que detinha o privilégio de preparar as elites de dominação com a sua máquina ideológica, que eram os colégios religiosos. Ele pagou quatro anos insulado na Bahia por isso, e, quando se expirava a estruturação do Estado moderno, em 1930, ele foi insulado na Bahia por isso. E o compromisso pedagógico e didático dele era de um ensino integral, mas gerido pelo Estado, não para preparar elite, mas para dar ao povo cidadania, que é um vocábulo atual mas que vem desde a sua prospecção pedagógica, para ensinar música, ensinar literatura, ensinar artes, ensinar teatro, ensinar decência e patriotismo. Uma das primeiras coisas que a ditadura fez foi acabar com o ensino

de música nos colégios. Nem jogador de futebol sabe balbuciar os hinos nacionais. No tempo em que eu era estudante, os colégios tinham os hinos da República, o hino da bandeira. E a destruição das bases nacionais, essa juventude dança *funk* e é a mesma ignorância de um presidente que diz que a Capital do Brasil é Buenos Aires.

O que passa no projeto pedagógico do doutor Anísio Teixeira... e eu pediria aqui que se levantassem... doutor Ernesto foi a mão do ideal dessa recondução de um projeto, que é o projeto do doutor Anísio. E aqui vale uma justiça histórica: a escola-parque só nasceu por insistência do doutor Ernesto. Ele enfrentou Israel Pinheiro. Por quê? Porque Israel Pinheiro, no tempo em que os governantes eram decentes, o pai dele era governador de Minas Gerais, não é igual a hoje, quando um 'picareta' chega em Brasília, seis meses depois está com uma mansão no Lago e uma BMW na porta. Morreu João Pinheiro, como governador de Minas, e a família não tinha condições de pagar os estudos de Israel Pinheiro. Ele recebeu uma bolsa dos Salesianos; por isso que a primeira obra de argamassa de Brasília foi a Ermida Dom Bosco, foi uma manobra dos goianos para assegurar a construção da Capital no planalto. E o doutor Ernesto enfrentou Israel porque Israel Pinheiro, com toda a ideologia que ele tinha, de um estudante de escola religiosa, do privilégio da Igreja, isso da escola integral não entrava na cabeça dele. E o doutor Ernesto foi até Lúcio Costa, e Lúcio Costa sentiu-se ambientado em toda a vivência e a prospecção do ideal pedagógico de Anísio Teixeira. Daí nasceu a escola-parque, daí nasceu a junção das escolas-classe, escola-parque, para nascer a unidade de vizinhança, que é o aspecto basilar de Brasília ser Patrimônio Cultural da Humanidade no seu projeto urbanístico. E o que fez a ditadura? Eu estou vendo aqui, na platéia... eu pediria que os primeiros professores a prestar o primeiro concurso... para que a nata de mudar a educação se levantasse. Renée... levantem aí os primeiros professores do primeiro concurso de Brasília, de professores. Esses vieram para mudar a educação no Brasil. O projeto do doutor Anísio não era para preparar profissionais, era para mudar o ensino. E na platéia tem colega meu da UnB... Maria Coeli... levanta, Maria Coeli. Essa professora teve o marido assassinado pela ditadura na Europa, era um

diplomata. Carlinhos, levanta você que é o diretor da escola profissional, a maior escola de música da América Latina, meu colega da UnB, nós fomos contaminados por isso. O que o doutor Anísio queria era que se modificasse a estrutura: começava com a escola-classe, começava com a escola-parque, com o CASEB, com o Elefante Branco, e conosco aqui da UnB. Meu grande problema é parar de falar.

O Coutinho falou aqui do que nós fizemos... uma grande ameaça contra o projeto do doutor Lúcio, vocês vêm aí, é quererem... porque a ditadura temia a cultura. Por que ela acabou com a universidade? É porque a universidade estava planejada para, em dez anos, ter 75.000 alunos. E o raciocínio policial deles era que ela, com 75.000 alunos, teria 5.000 estudantes todo dia fazendo passeata. Era o raciocínio burro e simplista deles. Então acabaram com o projeto maior da universidade, que era aquilo a que a gente, como aluno da UnB, assistia: a utopia. O que era? Era a primeira universidade aberta. Nas aulas maiores, eu, o Carlinhos, que fazia Música; a Coeli, que fazia Arquitetura; eu, que fazia Economia... sentava-se ao nosso lado o padeiro da quadra para assistir literatura, para assistir música, era para dar cidadania, cultura, universalidade, ao povo de Brasília, ao povo brasileiro, isso era o projeto do doutor Anísio. E nós vivemos essa utopia. Na história da educação tem algumas coisas dessa utopia que eu sou, por felicidade, testemunha ocular. Em 1966 eu fazia um curso de Pedagogia e um colega meu era assessor do presidente do Supremo Tribunal Federal, do ministro Álvaro Ribeiro da Costa, primo do doutor Lúcio Costa. Ele morava na 208 e vocês vão saber da qualidade desse ensino que esses professores vieram dar e emular para o Brasil. Dr. Victor Nunes Leal, que foi chefe do gabinete civil do presidente Juscelino e ministro do STF, cassado pela ditadura, assim como o Álvaro Ribeiro da Costa. O ministro Álvaro Ribeiro da Costa conseguia ser mais baixo do que eu, quer dizer, não é vantagem. E na 208 – ele morava na 208 – o ministro Victor Nunes Leal foi se matricular no curso de eletrônica do Elefante Branco. Sabe para quê? A informática engatinhava, eles se matricularam no curso de eletrônica do Elefante Branco para ver a qualidade do ensino de Brasília, pensando em fazer a Justiça evoluir, em acabar com a morosidade da Justiça. E

eu estava... e o ministro Álvaro Ribeiro da Costa foi saindo, e saiu uma senhora, e chegou, botou o dedo: *“Como é que o senhor vive? Há uma semana o senhor está com o meu ferro de engomar, eu estou com uma mala de roupas deste tamanho...”*. E ‘pagou o maior sapo para ele’. Naquela época, o modismo era... tem uma assadeira de pão... você que é gaúcho, Coutinho, a mania da churrasqueira não tinha chegado a Brasília ainda... e ele falou: *“Como é o nome da senhora? Amanhã eu entrego... hoje à noite eu vou ver o ferro de passar da senhora”*. E, quando ele saiu, eu virei para ela e falei: *“A senhora sabe quem é esse aí que a senhora ‘pagou o sapo’ para ele?”* Ela falou: *“Não”*. Eu falei: *“É o presidente do maior tribunal do país, presidente do Superior Tribunal de Justiça, está estudando eletrônica no Elefante Branco, por isso é que ele está arrumando ferro de passar e está arrumando as esquentadoras de pão aqui”*. Isto é para vocês verem como era a emulação desse projeto humanista, dessa educação da qual o doutor Ernesto foi um dos gestores, e para quem eu peço uma salva de palmas. *[aplausos]*

O Coutinho falou... eu iniciei, depois de... com honra e orgulho, com professores colegas meus, já que a Secretaria de Cultura, 90% dela só funcionava com professores, nós iniciamos, além da educação patrimonial, o processo de tombamento desses bens. E, além de tombar a escola-classe e a escola-parque... e todos aqueles que conhecem Brasília, o centro cultural de Brasília, a chamada *geração mocambo* - não é, Carlinhos? – era uma pizzaria que tinha na W3, bem perto tinha o Cine Cultura, e tudo acontecia no teatro da escola-parque. Eu assisti Magdalena Tagliaferro, os maiores pianistas do mundo; vi a Dina Sfat representando *O Rei da Vela*, todos nós vimos. A cultura acontecia e era em frente ao Elefante Branco, e o CASEB na lateral. E os professores do CASEB... eu tive uma honra muito grande na vida. Em 1955 eu era aluno da Escola Técnica de Goiânia e o diretor administrativo da CASEB, Dr. Armando Hildebrand... porque só existiam dois ensinos socialistas no Brasil: a Academia Militar, em que a nação dava roupa, comida, instrução, e a Escola Técnica, em que a gente recebia comida e farda para aprender uma profissão. E eu tinha ganhado, por esse defeito que eu tenho, de não parar de falar, um concurso de declamação, com 12 anos de

idade. E eu fui o aluno indicado para saudar o professor Armando Hildebrand, que estruturou o ensino industrial no Brasil. E ele depois veio a ser diretor da CASEB, não é doutor Ernesto? E, professora Eva, eu gostaria também... o doutor Ernesto, há quatorze dias, fez apenas 94 anos e vocês parece que não sabem disso, ele merece outra salva de palmas. [aplausos] E, no aniversário dele, eu encontrei a nora do professor Armando Hildebrand, sobrinha – viu, Eva? – da primeira diretora da escola Júlia Kubitschek, Stella dos Guimarães Trois, honra e orgulho do planalto central. Então, nós, com esses professores... eu pedi à Luciana, que hoje é diretora do Museu da Memória Candanga, para procurar a Associação do... embora eu tivesse atribuição, como diretor do patrimônio, de iniciar o tombamento, eu queria uma mobilização para que essa mobilização trouxesse à baila aqueles que lecionaram e aqueles que estudaram, e a Associação de Arte-educadores do Distrito Federal, com mais de 500 assinaturas, é que me trouxe essas assinaturas para eu abrir o processo. E eu consegui terminar o processo em 2006. O governador Arruda, no dia 14 de maio de 2007, assinou o decreto tombando o ideário do professor Anísio Teixeira. Isso tinha um objetivo não só referencial, do ponto de vista da educação... da ideologia e da educação no Brasil, do princípio republicano, do princípio histórico, da dignidade, da cidadania, mas também para coibir os violentadores do projeto do doutor Lúcio, que estavam querendo leiloar os espaços destinados, no projeto dele, às escolas-classe e às escolas-parque. Você tem o compromisso de zelar por isso, Coutinho. E, nesse processo, o que aconteceu? A estruturação de Brasília, do ponto de vista da história, do ponto de vista dos engenheiros, uma obra começa quando se vai fazer o acampamento de obras. Então, Brasília, do ponto de vista desse acampamento, foi a cidade administrativa que depois passa a ser a Candangolândia, num referencial afetivo daqueles que trabalharam na construção. E a escola Júlia Kubitschek é o segundo projeto de Niemeyer na estruturação de *pilotis*. Por isso, o valor arquitetônico dela, além do valor histórico: de madeira, como o Catetinho; e de *pilotis*, como o Catetinho. E a desídia administrativa, a incompetência, a ignorância, a irresponsabilidade e a cultura deixaram que os cupins comessem a escola até que ela fosse interdita. Só não aconteceu isso porque o doutor Ernesto, a Maria

Abadia, foram... quando a Maria Abadia foi Secretária de Turismo, eles impediram que o Catetinho fizesse isso. Até que a White Martins o encapsulou, numa contribuição da Fundação Roberto Marinho, e o Catetinho está aí até hoje. Então, a escola Júlia Kubitschek é um referencial arquitetônico, é um referencial desse projeto educacional que a Eva, em boa hora, tomou a frente, ela educadora e com o compromisso... além de educadora, o compromisso de resgate histórico da história da educação. E eu, como diretor do patrimônio histórico, o que aconteceu? Vocês se lembram que tinha o Hotel Guarapari ali, a primeira obra de concreto armado ali na Candangolândia, o primeiro posto da Petrobrás. E era um hotel... o primeiro hotel de argamassa na Candangolândia e que era usado para relacionamento amoroso, mas as pessoas que iam lá ficavam expostas, não tinham individualidades. E o ocaso dele teve início quando começaram a fazer os hotéis lá no Núcleo Bandeirante, antiga Cidade Livre. Então ele virou uma desagregação física e era um lugar de traficante guardar droga, de estupro, e tudo isso. E o único fator referencial de arquitetura era aquele posto redondo. E eu fiz uma negociação pública com a Petrobrás, já que era o primeiro posto e a Petrobrás queria colocar o primeiro posto de gás liquefeito aqui em Brasília. Na negociação, a Petrobrás assumiu o compromisso de reconstruir a escola Júlia Kubitschek para o jubileu do cinquentenário. E uma das razões de eu ter pedido demissão da diretoria do patrimônio histórico é que, pela primeira vez, eu vi um governo que assume e não procura saber daqueles o que tinha em andamento. E a negociação que a Petrobrás já tinha feito... e eu já entreguei a *Casa da Fazenda Gama* tombada, foi... exatamente amanhã, não é doutor Ernesto? Cinquenta e dois anos da vinda do senhor e do presidente Juscelino pela primeira vez ao planalto... ela foi tombada e está restaurada pela Petrobrás. E o que aconteceu? O governador Arruda assume e acaba com toda a estrutura administrativa, inclusive com o DePHA, que é uma estrutura de fiancária. E os meus superiores não tiveram a sensibilidade e nem a responsabilidade de, pelo menos, saber o que tinha de serviço passado. E eu fiquei chocado quando o governador do Distrito Federal disse que vai reconstruir a escola e gastar doze milhões, que é do orçamento dos impostos que o povo paga. E eu, por negociação pública com todas as

autoridades que participaram dessa negociação, fiquei pasmo. Porque o Distrito Federal não ia gastar nada, a Petrobrás é que ia pagar. Eu, professora Eva, quero chamar a atenção e pedir para a senhora tomar dois depoimentos extremamente importantes para a história da educação no Distrito Federal: é do professor Raimundo Nonato da Silva, primeiro vice-presidente do Instituto Histórico, editor da *Revista Brasília*, primeira fonte de história documental de Brasília que, com 90 anos, é latinista, é fundador da Associação de Defesa da Língua Portuguesa e maestro do coral do MEC. E de Alberto Acioly, era o chefe de gabinete do doutor Anísio Teixeira desde quando ele estava no Rio de Janeiro até aqui. Os depoimentos desses dois vão trazer novas luzes históricas verdadeiras sobre a origem desta universidade. Talvez sejam os depoimentos mais ricos sobre história da educação no Brasil. E eu, em pinceladas rápidas, *an passant*, falei da motivação ideológica republicana, que o doutor Anísio Teixeira foi o formulador da... acabar com a laicidade, com a predominância... separar o Estado da Igreja, que foi na proclamação da República. Quero chamar a atenção para esses depoimentos e para um outro que, quando a senhora me deu isso aqui, eu fui ler, e tem uma figura que é minha amiga de ordem pessoal, uma professora chamada Marta Cintra, que, no seu depoimento, ela falou uma coisa demais importante. Eu pediria a você, Tâmara, que representa aqui a família do presidente João Goulart, de Maria Teresa, de João Vicente e de Denise. Eu a chamei porque o João Vicente e a Denise – a Denise é historiadora e mora no Rio de Janeiro... e o depoimento da professora Marta Cintra era da professora que os dois filhos... porque o primeiro Presidente da República a morar na Capital do... o João Goulart é injustiçado de todas as maneiras... o primeiro Presidente da República a morar com a família na Capital inaugurada foi o presidente João Belchior Marques Goulart. E o Presidente da República tinha os dois filhos que estudavam - segundo o depoimento da professora deles, Marta Cintra, aqui neste livro - no Jardim de Infância da 208. E a Tâmara está aqui, como prova física de que, quando o João Vicente vier no dia 15 - mais a Maria Teresa e a Denise - para o lançamento de um filme sobre o presidente João Goulart, para procurarem a professora Marta Cintra e provarem que o Presidente da República acreditava no

projeto do doutor Anísio Teixeira e acreditava nos professores, como a senhora e os meus colegas que estão aqui no plenário. Era o que eu tinha a dizer. *[aplausos]*

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Muito obrigado, professor. Passamos então a palavra ao Sr. Maurício Pinheiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Sr. Maurício Pinheiro

Boa tarde a todos. Eu gostaria, primeiramente, de dizer que a relação do projeto educacional com o projeto urbanístico, na área tombada de Brasília, é indissociável. A unidade de vizinhança, em sua forma, sua configuração urbana, a maneira como ela foi pensada e construída, está diretamente ligada a esse programa educacional e a essa maneira inovadora de concepção da cidade, que está preservada, que está tombada, pelo tombamento em conjunto do urbanismo de Brasília. Nessa atuação do IPHAN... o IPHAN tem uma série de prerrogativas, vamos dizer assim, em relação ao que é o patrimônio histórico, e aí a gente inclui a divulgação, a conservação, a preservação, a fiscalização, e isso tudo está relacionado quando você está falando de uma cidade que, ao mesmo tempo, é cidade e monumento. Quando a gente trabalha, principalmente nas ações de fiscalização, a gente começa a perceber que o fundamental, o maior aliado da fiscalização é a informação, é a educação. Como disse o doutor Ernesto, o investimento na educação é um dinheiro que tem um retorno muito alto, muito grande, porque o que se gasta de tempo, de dinheiro, com a máquina pública, fazendo esse trabalho de fiscalização... eu, pessoalmente, na minha atuação, percebo – começo a perceber – que, quando as pessoas têm formação, conhecem aquilo que deve ser preservado... muitas vezes você vê que as coisas ocorrem por desconhecimento, a pessoa às vezes tem a intenção de preservar e está fazendo uma descaracterização, ou coisa que o valha. Dessa forma, a gente começou a entender, dentro da regional de Brasília, que precisava trabalhar insistentemente com material publicitário, de publicações, informativos; daí a nossa... nós fizemos uma cartilha sobre a preservação de Brasília que,

infelizmente, pela correria de vir substituindo o Superintendente, eu não consegui trazer para cá, mas ela está disponível na regional do IPHAN, que fica no Setor Bancário Norte, regional de Brasília, no Edifício Engenheiro Paulo Maurício. E a gente começou a perceber que o investimento nessas ações tinha um retorno muito eficaz na preservação e na conservação de Brasília. Daí começamos a trabalhar também com uma metodologia do IPHAN, que é a metodologia dos inventários, quer dizer, coletar informações, acumular informações, para que essas informações servissem não só de material administrativo para processo de tombamento, como material de pesquisa e de consulta pela população, para que se informe, para que tome conhecimento a respeito do que é tombado, da forma como é tombado. Esses inventários geraram, no final do ano passado, um tombamento individual de um número grande de obras do Oscar Niemeyer, e aí a gente detalha bastante, as pessoas podem ter informação, podem consultar esses inventários no IPHAN a respeito da arquitetura desses edifícios que foram tombados; em consequência disso, em decorrência disso, fizemos um inventário no Itamaraty sobre as suas obras de arte. Pelo que tudo indica... hoje eu tive a informação do pessoal de lá, de que vai haver um apoio da parte deles para fazer a publicação desse material também. No próprio Itamaraty vocês vão ver que já existe um material, também de divulgação, a respeito dos inventários de arquitetura e das obras de arte, tanto do Itamaraty como do Palácio da Alvorada; ou seja, a gente está trabalhando no sentido de produzir essa informação, de fazer com que as coisas... levar ao conhecimento das pessoas para que elas possam preservar de uma maneira consciente, conscientizada.

Eu hoje vim muito na expectativa de conhecer o projeto, de ver o projeto, porque o IPHAN tem uma linha que atua na museologia e que eu entendo que possa se enquadrar nesse projeto. Então eu, a partir de agora, gostaria de estabelecer esse contato entre nós, porque essa é uma linha que, realmente, a gente pode, efetivamente, estar colaborando com isso; é uma linha que se chama *casas do patrimônio* e a gente pode conversar, eu acho que ela se enquadra aí nesse perfil. A iniciativa é fundamental porque, como eu disse, o projeto urbanístico é indissociável do projeto educacional, do projeto do Anísio Teixeira. E

o conhecimento desse projeto... ter o museu que leve essas informações efetivamente para a população, com certeza nós vamos ter um retorno no sentido da preservação da cidade. Então, em linhas gerais, eram essas as palavras que eu tinha para colocar. Como eu disse, hoje eu vim mais para conhecer, para saber a respeito do projeto. Agradeço muito o convite, no lugar do doutor Gastal, e são essas as considerações. Obrigado. *[aplausos]*

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, Maurício. Bom, nós estamos nos encaminhando para o término das nossas atividades e vamos franquear, abrir a palavra para quem quiser se manifestar, lembrando do avançado da hora. Nós já estamos aqui há mais de três horas. E pedindo à professora Inês Maria que se dirija à Mesa, para se pronunciar. Por gentileza... a professora Inês Maria é nossa diretora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Professora Inês Maria

Uma boa tarde a todas e todos e, em especial, eu quero cumprimentar a esta Mesa e à professora Eva, nossa colega, que, efetivamente, mais uma vez, registra a questão da história e da memória na educação brasileira, em especial na Faculdade de Educação da nossa Universidade. Peço a compreensão porque eu estava em sala de aula e, por isso, não estive aqui para saudá-los e acolher, em nome da Faculdade de Educação, a todos, o que tão honradamente e de uma maneira absolutamente – eu penso até inédita – temos aqui os pioneiros, não apenas nesta Mesa, como muitos que estão neste auditório. E os jovens que, sem dúvida alguma, estão recebendo uma aula viva da história da educação no Distrito Federal. E me permitam ler, como há pouco – pela manhã – eu dizia à professora Eva: *“Quando eu e a professora Laura assumimos a direção da Faculdade de Educação, em 2006, nós consideramos como princípios da nossa gestão a memória, a solidariedade e a coragem”*. E, se me permitem, eu faço questão, inclusive, de registrar aqui, neste momento, exatamente, a possibilidade de viver o que nós, naquele momento, sinalizávamos como determinação dessa gestão:

“Que nos próximos quatro anos, começando em 2006, a fidelidade possa nos custodiar; sejamos fiéis aos bens que nos legaram os que nos antecederam, de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Agostinho da Silva, aos tempos de hoje. A fidelidade é a virtude da memória, e a própria memória como virtude; portanto, sejamos fiéis a todo bem construído na Faculdade de Educação e na Universidade de Brasília, por todos os que se empenharam em prol da educação pública”.

Obrigado por vivermos, nesta tarde, o princípio aqui colocado, em especial a esta Mesa, historicamente emblemática e significativa para todos nós. Parabéns. Obrigado.

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Lembrando que a palavra está franqueada a todos. Passo aqui ao...

Professor Jarbas Marques

Professora, a senhora é professora da Faculdade, junto com a... então, eu quero fazer uma denúncia pública aqui. Em 1967, o primeiro suicídio que houve na Torre de Televisão foi o do meu professor Célio, que era professor aqui da UnB. Ele suicidou-se porque ali onde tem aquele prédio agora de concreto, que era a FEUB, entrou um carro da polícia, de provocação, aqui na universidade. E aqui tinha um lema: polícia só entrava aqui, se passasse no vestibular. Então, eles entraram... um carro... você lembra disso... lembra, Carlinhos, também? Então eles entraram... entrou um carro, de provocação, que era um agente de polícia que tinha o apelido de “Pira Dourada”. E os alunos... e eles fizeram isso para os alunos virarem o carro... e tiraram o rádio do carro policial. E o professor Célio estava se dirigindo para a Colina e um agente policial daqui viu que o professor Célio... quando os alunos correram com o rádio, botaram debaixo... porque era de tábuas... você lembra, não é, Maria Coeli? E o professor Célio sofreu um interrogatório para ele delatar os alunos que tinham tirado. E ele preferiu se matar, suicidar-se na Torre de Televisão – ele pulou de lá, porque pulando de lá era irreversível, morria mesmo. Então, a senhora procura o nome dele, ele era meu

professor de MTPS, Método de Trabalho e Pesquisa Social, ele morreu para não delatar aluno, então ele é um mártir da educação nesta Universidade.

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Bom, se... alguém quer se manifestar? Professor Roberto, por gentileza.

Professor Roberto de Araújo Lima

Obrigado. Componentes da Mesa, eu queria dizer aqui... quando se fala em educação no Brasil, quando se fala em Brasília, eu me emociono... as lágrimas... e alguns colegas já tiveram até... são testemunhas disso. Mas eu estava lembrando que, no século passado, um historiador disse que... argüido sobre a importância da Revolução Francesa, ocorrida muitos anos antes, sobre a importância, ele disse: *“Olha, é um acontecimento muito recente na história para que a gente possa ter um julgamento isento”*. De modo que, quando se fala em Brasília, cada um de nós fala carregado de emoção. O professor Jarbas falou algumas coisas sobre Brasília, sobre a Universidade de Brasília. Eu tive oportunidade de conviver com Anísio Teixeira porque eu trabalhei no INEP, de 1947 a 1960 - até 1964 na verdade, mas em 1960 eu vim para Brasília. Eu conheci algumas coisas de Anísio Teixeira, eu queria até comentar sobre o pessoal da escola-parque, porque eu vi hoje aqui dança e arte, eu esqueci de... quer dizer, eu não vi nenhuma referência a trabalho industrial, e o Anísio Teixeira tinha isso. Eu pude observar... eu estava presente a uma reunião em que ele discutia com um técnico alemão sobre as ferramentas e os armários em que ia guardar as ferramentas, adequados aos alunos da escola-parque. Na nossa escola-parque houve isso, havia a oficina. Hoje eu não vejo mais isso. Ainda sobre a escola-parque, o doutor Anísio... eu encontrei com ele em Brasília, pouco antes dele falecer... *“falecer”*, não é? Até eu disse a ele: *“Doutor Anísio, eu sinto uma pena que a escola-parque não está tendo aquilo com que nós sonhamos, ela está um pouco abandonada”*. Isto naquela época. Ele disse: *“Isso, Roberto, é o mal das idéias defendidas por um só”*. Na verdade ele não estava sendo justo, porque o doutor Ernesto Silva era um defensor da escola-parque, todos que vivíamos em Brasília naquela época éramos

defensores da escola-parque, mas Anísio Teixeira era o criador da idéia. Estive lendo um pouco da história da escola-parque, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, e sei que... por exemplo, lendo o livro do Rebouças, falando sobre o doutor Anísio Teixeira —*Anísio em Movimento* — publicado pelo Senado Federal, ele conta a história de como surgiu a idéia da escola-parque. Era, na verdade, o parque escolar de lá, que criou o Centro Educacional Carneiro Ribeiro e foi adaptada para Brasília pelo doutor Anísio Teixeira, pelo Paulo de Almeida Campos, que foi meu professor de Administração Escolar. Então, essa coisa toca muito a mim. Participei, também, da Universidade de Brasília quando fiz um curso com o professor... falhou a memória... Darcy Ribeiro. Eu fiz um curso de pesquisa social com ele, de dois anos, indicado pelo doutor Anísio Teixeira. E lá eu via... ainda em 1959, o Darcy Ribeiro já estava preocupado com a universidade, reunia pessoas de alto nível, os cientistas brasileiros de alto nível, para vir para estudar a universidade. E um dos professores a que ele faz referência, mais tarde, é o professor Roberto Salmeron, professor de Física, que trabalhava na Europa. Convidado por Darcy Ribeiro, ele se encantou e veio para cá, mas quando ele foi comunicar ao chefe dele, se eu não estou enganado um suíço, este disse: *"Mas você vai para lá, por quê?" "Não, porque vamos fazer uma universidade desse porte..."*. Descreveu. Ele disse assim: *"Você vai se decepcionar, infelizmente o Brasil não está à altura da universidade com que você sonha"*. Bem, eu não sei se ele foi injusto ou não, mas nós que vivemos o princípio... eu posso dizer aqui que eu fui classificado, segundo a secretária da época, eu fui o primeiro, o mais bem colocado no primeiro vestibular da universidade de Brasília, fiz aqui o curso de Arquitetura. E, numa condição especial, porque como eu já tinha uma licenciatura em Matemática, o professor Darcy, que me conhecia, me convidou — a mim e a dois outros colegas — para darmos aulas como auxiliares de ensino, professores da universidade, aos nossos próprios colegas, para complementarmos conhecimentos de Matemática aos colegas de Matemática... de Arquitetura e de Economia. Um desses alunos meus de Economia tornou-se professor da universidade, foi um grande economista, eu não me lembro o nome, a minha memória me falha, o problema de memória é fosfato também, não é? Bem, mas a

respeito da universidade, tem mais um fato que eu gostaria de lembrar e que talvez tenham se esquecido, alguns. Como estudante de Arquitetura, e outros colegas, quando nós ouvíamos falar nas aulas do professor Jorge Agostinho – ele dava aula de literatura portuguesa – as aulas dele, todos nós deixávamos as nossas aulas para assistir as aulas do Jorge Agostinho, porque era um exemplo de... uma maravilha, um professor que sabia tudo, e ele... isto era a universidade, nós vivíamos isso, era um ambiente formidável, música, etc. Mas, só para completar, mais uma coisa, mais um depoimento: é que o Darcy Ribeiro me disse uma vez que *“esta universidade é a única universidade pública do mundo, que eu conheço, que tem um Instituto de Teologia”*. Que era dirigido pelos dominicanos do frei Matheus, que eu conheci, mais tarde foi Reitor da universidade. Enfim, eu só queria dizer que há muito mais coisa para contar, mas a emoção me trai, a memória vai embora e... muito obrigado. *[aplausos]*

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Professora Rachel Moraes.

Professora Rachel Moraes

Eu quero parabenizar a Mesa e a pessoa da professora Eva Waisros, com quem eu tenho a grata alegria de trabalhar desde que eu entrei aqui na universidade, em 1994. Eu quero registrar duas coisas: uma é a minha história com Brasília e a outra é a minha história com Anísio Teixeira. Com Brasília, os meus pais vieram para cá e meu pai, particularmente, veio morar em Brasília nos anos 1956/1957. E depois ele retornou na condição de advogado e faleceu em 1988/1989, e ele era advogado da presidência do IPEA. Ele tinha um carinho muito grande por esta cidade, ele viu a cidade crescer. E eu tenho, inclusive, um afeto muito grande por esta cidade, e eu me lembro de que, quando eu era pequenininha, me perguntaram o que eu queria ser e eu falei assim que gostaria de ser cientista para poder ajudar Brasília. E, de fato, hoje eu estou na condição de professora desta universidade, trabalhando na área de Política, História e Filosofia, das Tecnologias de Informação e Comunicação. Uma das minhas

pesquisas é voltada para a questão da tecnologia. E em 2000 eu fui ao congresso do centenário de Anísio Teixeira, no Rio de Janeiro. E fiz uma comunicação, colocando a experiência da UnB com a universidade virtual, que então estava recém-começando. E, naquela conferência... eu estudei um pouco da concepção de tecnologia de Anísio Teixeira e a originalidade dele em já colocar a questão da técnica e da importância do que ele já estava vendo com o eletrônico, com o computador, que ele esperava que chegasse um dia a ser disseminado, e felizmente nós temos, atualmente, uma forte atuação do computador no Brasil. Eu gostaria, inclusive, de comunicar aqui que eu estarei coordenando, numa linha do nosso projeto HISTEDBR - DF, um projeto nesse sentido, espero que também nessa linha que a Eva coordena. Então eu quero parabenizar a todos e, quem sabe, aqui não tenha também um computador, porque eu sei que a Universidade de Brasília participou do primeiro computador, que foi o *patinho feio*, não é? **[intervenção do professor Jarbas Marques, todavia, inaudível]** Pois o *patinho feio* foi criado em 1974, na USP, e está na memória. Inclusive o G-10 era nosso aqui. Guarani, não é? Eu tinha um e-mail chamado rachel@ctqd.guarani.unb.br, que foi o primeiro computador brasileiro.

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, professora. Professora...

Professora Maria Coeli

Eu sou Maria Coeli e eu queria falar sobre Anísio Teixeira, ter uma idéia dele, que talvez alguém aqui tenha condições para aproveitar. É que ele pensava que podia fazer o segundo andar nas escolas-parque para as crianças, pivetes, para as crianças que estivessem em volta da quadra. As pessoas que lêem Anísio Teixeira têm que ler mais... estão lendo pouco. Também... a Universidade de Brasília. Quando eu fico vendo essas coisas de memória... e eu ouvi o senhor falar de Itajubá, eu pensei assim: *“Olha, gente, o que eu posso colaborar, é nós convidarmos todos esses professores que estão aqui, do início de Brasília, e a gente fazer uma pira e vocês botarem fogo”*. Porque a melhor coisa conosco é

isso. Outra coisa que eu quero falar também, é que vocês reparem nas fotografias... reparem como nós éramos elegantes, reparem como nós tínhamos roupa bonita, como nós tínhamos bolsa, como nós tínhamos sapato. Hoje em dia, um professor anda tão mal vestido... um professor dá aula de bermuda, camiseta, e não tem um livro em casa, não tem computador, não tem *lap-top*, não tem nada. Porque o que nós ganhamos é uma vergonha. Então, isso também é que eu estou falando... hoje os professores estão reunidos, hoje... mas nós não temos ninguém para falar, eu não conheço o Sr. Valente. De onde saiu o Sr. Valente, Secretário de Educação? Será que não existe, nesta cidade, um educador de Brasília para ser Secretário de Educação? *[aplausos]* Eu não tenho vontade, sabe Eva... eu colaboro com o que posso, mas eu, sinceramente, fico muito triste quando vejo quem não sabe nada de educação e quem nunca leu Anísio Teixeira, falar alguma coisa. Porque o que eu sinto é que o Anísio Teixeira... Jarbas, nós não podemos deixar de falar em comunismo, não tem jeito, porque o Anísio Teixeira estudou, estudou, estudou, foi para os Estados Unidos, mas ele não tinha como usar a técnica. Então, quando ele veio para Brasília, um grupo de pessoas... porque o que se forma no mundo, em várias ocasiões, é um grupo de pessoas, pessoas afins. Por exemplo, eu explicava para os meus alunos de História da Arte assim: *“Não existe uma escola chamada impressionismo, uma chamada expressionismo, não existe. Existem pessoas e, em volta dessas pessoas, se reúnem outras, e essas pessoas formam um grupo”*. Então, o que houve aqui em Brasília foi um momento muito feliz, em que Juscelino Kubitschek, junto com Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Athos Bulcão, Ceshiati, Amelinha, Bianchetti, Hugo Mundi e inúmeros... esses professores são da universidade. Mas da CASEB... esses professores fizeram um concurso no Maracanãzinho, ninguém veio para cá empurrado não. O professor Gildo deu um depoimento num filme meu, que se chama *CASEB 30 anos*, e que eu estou com muita vontade de passar para película e tentar passar no Festival de Brasília, porque cada vez que eu chego no Festival de Brasília, eles mudam as regras. Quando eu faço 16, não pode 16. Quando eu faço DVD, não pode DVD. Então, é sempre assim. Ah, não... também eu não gosto de ficar muito junto com este povo não, porque o governo é uma

coisa tão... porque eu não posso imaginar como é que uma cidade com 48 anos, feita para a interiorização do Brasil... na época, as pessoas todas estavam vendendo o Brasil. O meu marido, que era diplomata, me contou uma vez assim: *“Estão vendendo uma fazenda para os japoneses, maior do que o Japão”*. Então, tantas coisas estavam acontecendo no Brasil antes de 1960, e ninguém sabia. Porque estava todo mundo de volta, de costas para o mar, tomando banho de sol no mar. Quando todo mundo veio para Brasília, esse movimento que fez com que tantas pessoas... o professor Gildo falou assim, no depoimento do filme *CASEB*: *“Eu não acreditava que fosse ter concurso, porque naquela época concurso era coisa rara”*. Mas houve concurso para professores. E os professores que vieram para Brasília fizeram uma coisa que é... nos ensinaram a nos comportar numa cidade que ia ser modelo para as outras. Então, os professores nos inundaram de felicidade quando, por exemplo, a professora Nanéia falou comigo, falou conosco: *“Estas plantas que estão aqui são tão profundas... é ao contrário, lá embaixo elas têm uma enorme raiz”*. Eu nos vejo mais ou menos assim desse jeito, sabe, assim como árvores do cerrado, nós temos uma enorme raiz, nós temos muita vontade de puxar água, de puxar... mas isso não é para a gente, a gente quer para as futuras gerações. Essa turma aqui nunca pensou em dinheiro, nós não tínhamos DAS, nós ganhávamos ‘dobradinha’, mas era ‘dobradinha’... e naquela época...

FINAL DA FITA II

FITA III [28 min.]

Professor Roberto de Araújo Lima

[A fala do professor em questão ficou quase que totalmente prejudicada, inaudível, exceto o pequeno trecho abaixo transcrito]

[...] porque ele era um coronel de polícia mineira que gostava de educação: as escolas Caio Martins. *[aplausos]* – ***nova interrupção no som*** – [...] mãe dela, foram dois educadores formidáveis.

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, professor.

Verônica Gurgel (auditório)

Meu nome é Verônica Gurgel, sou professora da escola-parque 308, sou professora de música, estudei no colégio Polivalente com a professora Cinira, estudei na escola-parque, sou fruto da escola pública de Brasília, sou fruto desses professores, dessa ideologia de Anísio Teixeira, acredito na democratização das artes, que é a posição do Anísio Teixeira, acredito que música é para todo mundo, acredito que arte é para todo mundo, e eu queria fazer uma pergunta para o professor... para o Afonso Brito. Eu queria saber uma coisa: por que, quando vocês foram implementar o ensino integral agora em Brasília, nesses últimos... nos últimos tempos, por que vocês não pesquisaram a história de Brasília? Nós já temos uma identidade, nós já temos uma história da educação. A escola... nós já temos uma história, e tem outra coisa, todo ano... eu estou há doze anos na Secretaria de Educação, todo ano eu ouço: “a escola-parque vai acabar, a escola-parque vai acabar”. Hoje eu saio de alma lavada, porque já que o ideal de Anísio Teixeira foi tombado, a escola-parque não acaba. Só isso que eu queria falar. Muito obrigado.

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Muito obrigado a você. Obrigado, Maria Coeli... *[a professora Maria Coeli manifesta-se, diretamente do auditório, sem ter pedido a palavra; no entanto, até o ponto a partir do qual acha-se transcrito, sua fala é totalmente inaudível]*

Professora Maria Coeli

[...] porque para fazer educação tem que ter dinheiro, porque a criança tem que ter bases sólidas. Por exemplo, esse... o que o professor Roberto falou... as escolas Caio Martins, as crianças eram levadas pelo Juiz, eram crianças apanhadas na rua, nas rodoviárias, essas crianças moravam em casas ótimas, onde eles tinham armário para guardar as suas coisas, seu botão, sua bolinha, não há... quando papai foi convidado pelo Plínio Catanhede para fazer a escola Caio Martins aqui em Brasília, não deu certo. Por quê? Porque o governo tinha tanto dinheiro que mandaram fazer um galinheiro... um galinheiro assim, desse jeito assim... e aí, quando papai chegou, ele falou assim: *"Uai, mas vocês tiraram minha tarefa educativa. Lá na escola Caio Martins, quem faz a casa são os meninos, os meninos que estão fazendo a casa, fazem a janela, limpam a casa, esperam os meninos chegarem. Enquanto eles estão fazendo isso, eles estão aprendendo, eles estão tendo uma profissão"*. Ninguém naquela época tinha vergonha de trabalhar. Hoje, a lei do adolescente e da criança proíbe que as crianças trabalhem, quando a criança... qual o pai aqui que não ensina... que não deseja que sua filha faça o que você faz? Por que nós não podemos... por que nós temos vergonha de trabalhar? Que coisa colonialista é esta? Que vergonha é esta que tem, de um homem... não fazer o curso, como o senhor falou; o ministro foi fazer um curso de tecnologia no Elefante Branco. Todo mundo que gosta de trabalhar em marcenaria, que gosta de trabalhar em mecânica, gosta de trabalhar com alfaiataria, isso são profissões que poderiam estar dentro da escola-parque. Dentro da escola-parque nós podemos preparar jovens para... eh, Cássia Eller, Renato Russo, Ney Matogrosso... o que essas pessoas aprenderam em Brasília? Por que sai tanto artista de Brasília? Por causa da escola-parque. Porque quando

a pessoa é pequena e que alguém presta atenção no seu desenho, que alguém presta atenção na sua composição, na sua poesia, a gente continua...

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, professora. Agora, professor, por favor... respondendo ao questionamento...

Professor Afonso Brito

Eu gostaria de salientar e reiterar as minhas palavras extremamente elogiosas aos professores de Brasília, aos grandes educadores que passaram por Brasília, como Anísio Teixeira. Não tive, não tenho e não vou ter nunca nenhuma pretensão de trazer alguma coisa que não possa servir como somatório a toda essa riqueza da educação que acontece em Brasília. Eu fui bastante incisivo ao elogiar esses mestres extraordinários. Disse, inclusive, da minha alegria, da minha enorme satisfação, do meu orgulho, em vir para Brasília. Eu estava dirigindo duas escolas em Itajubá: uma particular, pela manhã, e uma escola de aplicação junto à Faculdade de Medicina de Itajubá, onde eu lecionei trinta anos. Eu deixei a Faculdade de Medicina, tendo lecionado durante trinta anos, para vir para Brasília, aprender com vocês. E trazer, sim, alguma coisa que pudesse somar, porque as palavras dele *[referindo-se ao Dr. Ernesto Silva]* me emocionaram. Esta proposta que nós estamos apresentando, a pedido do governador, é exatamente o resgate desta escola deste homem extraordinário. Quando eu disse “*saio melhor*” é porque eu vi, ouvi e conheci, hoje, pessoas admiráveis sob todos os aspectos. Não sei, professora, me perdoe, não sei se fui pouco explícito, não sei se fui infeliz, mas em nenhum momento eu me referi, por exemplo, à escola-parque. Não sei se existe alguma idéia preconizada pela Secretaria de Educação a respeito da escola-parque. E, para finalizar, com a maior humildade, com a maior sensatez, eu procurei... a partir do momento em que o governador me pediu o projeto, eu procurei analisar, com professores da própria Secretaria, indicados pela Solange, que é diretora da SUBIP, eu procurei, sim, professora, a realidade dessa escola do Distrito Federal. Passamos seis meses analisando, estudando tudo o que

acontecia na área educacional de Brasília para que, conhecedor da realidade, do perfil da escola de Brasília, eu pudesse fazer as devidas adequações – e foram feitas. Vamos, sim, privilegiar, no contraturno, tanto o Coral, artes cênicas, música, teatro, porque tudo isso é absolutamente fundamental, tudo isso é absolutamente indispensável, imprescindível, em termos de uma formação plena, como todos nós desejamos. E, para finalizar, quero agradecer as manifestações de todos vocês, de todos os membros da Mesa, reiterando aquilo que disse: saio felicíssimo porque estou, a despeito de estar duplamente aposentado, cada dia mais empolgado com o papel do educador e com a missão da educação para a formação de um país menos injusto, de um país mais solidário, de um país mais equânime, em termos de igualdades, em termos de justiça social. Um grande abraço e tenham em mim um amigo, um admirador e um colaborador. Muito obrigado.

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, professor Afonso. Eu vou primeiro dar a palavra para ele, que tinha pedido anteriormente, e peço a vocês duas, professoras, que venham até aqui na frente, por favor. Professor Jarbas Marques, por gentileza.

Professor Jarbas Marques

Professor, o senhor recebeu uma herança trágica, do ponto de vista do que foi feito na agressão à história pedagógica e didática de Brasília. É porque o governador José Roberto Arruda criou uma Secretaria Especial e botou lá o Alceni Guerra, uma Secretaria para a educação integral. E um *ghost writer* dele assinou num jornal, elogiando, como se fosse a grande revolução pedagógica do mundo, uma coisa que o doutor Anísio já tinha feito há sessenta anos. E Pato Branco, além do Alceni Guerra, só tem a Bozena. [risos]

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, professor. Professora, diga o seu nome, por favor.

Professora Sandra [do auditório]

Meu nome é Sandra, eu sou professora de Educação Física, professora da escola-parque 313/314 Sul. Quero fazer um esclarecimento ao senhor Afonso Brito. Inclusive eu já participei de uma reunião com o senhor, com os professores de Educação Física lá na IAP, e fiquei... observei bem o seu discurso. Infelizmente hoje eu não pude ouvir, cheguei mais tarde, não ouvi a sua fala. Mas eu quero fazer um esclarecimento com relação à situação atual das escolas-parque. Porque o governo veio com um projeto de educação integral e nós... as escolas-parque, até o ano passado, funcionavam... a minha escola, especificamente, atendia a cinco escolas, oito escolas, e essas crianças freqüentavam a escola-classe quatro dias e, num dos dias, elas iam para a escola-parque, certo? Passavam cinco horas com arte, com artes visuais, literatura, teatro, educação física e... falta um... eu falei literatura... música. Então, o que aconteceu no início deste ano? Nós fomos surpreendidos com a implantação da escola integral. Que, efetivamente, aqui no Plano Piloto, não aconteceu. E a surpresa foi que nós passamos a atender às crianças no contraturno, e elas passaram a ir para a escola-classe cinco horas de manhã e quatro horas na escola-parque, à tarde. Isso demandou uma confusão terrível. Por quê? Nós não tínhamos infra-estrutura para receber essas crianças. Conseqüência disso: a escola-parque, que até o ano passado era componente curricular obrigatório dessas crianças, era uma... como na proposta original de Anísio Teixeira fazia uma complementação da escola-classe, o que aconteceu? Nós passamos a ser uma escola opcional. E isso causou uma evasão inicial tremenda, pela falta de estrutura e falta de dinheiro. Então, os nossos alunos são essencialmente do Entorno e eu vejo isso como uma grande ameaça. Eu estou na Secretaria há dezessete anos; desses dezessete anos, quinze na escola-parque. E eu aprendi a estudar Anísio Teixeira... viu, Coeli? Cadê? Já foi embora. Mas eu conheço profundamente o projeto de Anísio Teixeira e eu vejo, sim, como ameaça o que está acontecendo com as escolas-parque. *[aplausos]*

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, professora. Não esqueça de falar o seu nome. *[referindo-se à próxima pessoa a fazer uso da palavra]*

Professora Sandra [do auditório]

Meu nome é Sandra. Eu trabalho no Centro de Educação Infantil nº 1, de Brasília, fica localizado aqui na 611 Norte. A gente tem muita dificuldade em ter acesso a falar com alguém que seja da educação, principalmente da Secretaria de Educação. Então eu vou aproveitar esta oportunidade para fazer uma denúncia. O governo está querendo aumentar as escolas para período integral. Eu trabalho em um lugar que é uma creche, que atende crianças do Entorno, cujos pais trabalham no Plano Piloto. É a única que tem, que é aqui do Plano Piloto, a única que existe. O que aconteceu no ano passado? Nós ficamos sem monitores. As crianças só ficaram trabalhando, isto é, os professores ficaram trabalhando em sala de aula, os dois professores, com as crianças da creche, as crianças só ficaram meio período. E este ano, o governo mudou a política toda, mandou os monitores para a sala de aula, a gente trabalhou o dia inteiro. Este ano, agora no final já... nós estamos em outubro, foi que começou a chegar merenda para as crianças. São crianças a partir dos quatro meses; nós atendemos crianças de quatro meses a cinco anos. A comida que estava indo para as crianças era arroz, um frango do mais vagabundo que possa ser vendido no comércio e carne em lata. Como é que um governo que quer fazer uma escola integral não consegue nem pegar uma creche que tinha sido do antigo Ministério do Interior, que era padrão aqui no Plano Piloto, creche padrão? Está toda destruída, caindo aos pedaços, e que tirou... ele tirou, este ano, todos os professores do berçário 1, que pega as crianças de quatro meses, e do berçário 2, substituiu por monitores, sendo que muitos deles não tiveram nem ensino fundamental. Foram vários professores removidos da escola. E a nossa escola... estamos com monitores que estão cuidando das crianças no lugar de educadores. A partir deste mês agora foi que começou a melhorar a merenda, depois que a gente começou a pedir auxílio aos pais. Começou a chegar alguma coisa mais comestível, porque as crianças

ficaram, desde o começo do ano, todos os dias, comendo sucrilhos, que também era de péssima qualidade, e um leite de péssima qualidade, na escola. Todos os dias era o almoço das crianças. E a gente pede socorro, pede socorro, pede socorro, e a gente está ali porque, realmente, a gente gosta. Eu sou estudante aqui da UnB porque eu quero cada vez saber mais, aprender mais, trabalhar melhor com os meus alunos; por isso eu estou aqui. Então, eu acho que o governo tinha que tomar... cuidar primeiro das escolas que estão aqui e não ficar inventando moda de ficar querendo arrumar isso, aquilo e aquilo outro, se ele mal dá conta do que tem, sabe, porque essa creche é realmente uma creche que precisa muito, tem muitos pais necessitando. E os professores foram substituídos. Quer dizer, como é que pode botar um monitor para tomar conta de um bebê de quatro meses e crianças de um ano de idade, e tirar o professor *[ininteligível]*?

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, professora. Tem mais uma pessoa?

Juliana [do auditório]

Eu sou a Juliana, sou estudante de Pedagogia aqui da UnB. E hoje o que nós ouvimos é a ênfase em uma formação humanística do ser humano, do indivíduo. Então, a gente tem a educação no sentido amplo e não só no sentido restrito da escola. Assim, tornam-se muito importantes os patrimônios, como foi enfatizado o museu, que é um projeto belíssimo. Mas o que se vê é um descaso muito grande, por parte dos representantes do Estado. Eu ainda estava no ensino médio, senhor Jarbas – eu não sei se o senhor se lembra – nós nos reunimos na Igreja São Geraldo, tombada como patrimônio, no Paranoá, pedindo a restauração, mas, infelizmente, literalmente, a igreja foi por água abaixo, porque ela não resistiu às chuvas. Há muito tempo. Então, o que se vê é um desprezo muito grande, por parte do Estado, em relação a esse patrimônio. E o que nós vemos, o que a gente observa, é um discurso muito diferente da prática. Realmente se discute muito da importância do patrimônio, da importância desse poder cultural das pessoas, mas eu pergunto: será que essas pessoas ignorantes,

que dançam *funk*, não têm direito a ter acesso a essa cultura, não têm direito a sair dessa ignorância?

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado. Bom, professor Afonso...

Professor Afonso Brito

Não, apenas... as duas Sandras, é isso? Duas? Duas Sandras. Eu me comprometo, com toda honestidade, com toda lisura, a levar as ponderações de vocês duas ao Secretário de Educação. E reiterar aquela minha afirmação de que tudo o que envolver educação de alto nível é o nosso propósito, é o nosso ideal, é a nossa filosofia. Não estamos, em nenhum momento eu disse, não estamos com a pretensão de trazer novidades, até porque o doutor Ernesto... eu saio daqui profundamente admirador deste homem extraordinário, mas tudo aquilo que ele relatou no início dos nossos trabalhos, é exatamente aquilo que nós queremos resgatar, por isso é que eu saio absolutamente convencido de que este é o caminho, este é o verdadeiro caminho para o resgate da educação, não apenas em Brasília, mas em todo o Brasil. Obrigado.

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, professor. Uma manifestação rápida do professor José Carlos Coutinho, em seguida a gente encerra.

Professor José Carlos Coutinho

Eu prometo que, rapidamente... uma pequena observação. Tem certas coisas que nós preferimos, a diretoria do Patrimônio, não ter que tombar. Porque, ao tombar, nós estamos celebrando raridades, certas coisas que são exemplares únicos, quando deveriam ser rotineiras. Nós sabemos que a escola-parque – dito pelo próprio Anísio – existe em função da unidade de vizinhança. Bom, nós estamos terminando o tombamento agora – já terminamos o processo, praticamente – da única unidade de vizinhança que existe no Plano Piloto, das

sessenta e quatro possíveis. Quer dizer, Brasília não foi terminada, de acordo com o plano de Lúcio Costa, essa é que é a verdade. Nós não estamos responsabilizando esse ou aquele governo, nós estamos apenas fazendo uma constatação de que é um processo que não se concluiu, foi interrompido. Bom, a escola-parque da primeira unidade de vizinhança, que é a 107/108, 307/308, é essa que foi tombada. E existem, em todo o Plano Piloto, apenas cinco escolas-parque, apesar de tudo. E não existe nenhuma escola-parque fora do Plano Piloto. Então, há certas idéias que eu acho que precisam ser retomadas, porque são idéias ainda válidas, atuais, progressistas, que têm que ter a sua... que ser... encontrar pessoas que queiram trazê-las novamente à vida. Então, eu chamo a atenção para isso, o senhor que... da Secretaria, por exemplo, que não é possível que uma cidade como Brasília, baseada nesse sistema maravilhoso montado por Anísio Teixeira, tenha apenas cinco escolas-parque. E eu soube disso exatamente pelo senhor Alcení Guerra, quando ele expôs o seu plano. E nenhuma fora do Plano Piloto, como se aquilo fosse um privilégio das populações que habitam o Plano Piloto. Quando aquilo é uma idéia democrática, ampla, aberta para todos.

[manifestação na platéia, a princípio inteiramente inaudível, porém, tornando-se compreensível – audível – a partir de determinado ponto]

[...] do projeto original do Anísio Teixeira, se ele planejou alguma coisa nas cidades, nas poucas cidades-satélites que existiam... ***[alguém da platéia informa que não]***

Tudo bem... mas se não há, sabemos da importância... inclusive, só para fazer um paralelo... este ano, oportunisticamente ou não, estão sendo construídas as Vilas Olímpicas, que são megaprojetos. E não se tem, até então, nenhum vínculo com a escola, nada pedagógico. E outra: são megaprojetos que vão valorizar não só... eu sou professora de Educação Física, simplesmente a área mais... inclusive do esporte. Por que não, em vez de escolas-parque, que têm um... amplia um pouco mais o projeto educacional, não é? É só esse... essa parte aí.

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Eu preciso encerrar... o doutor Ernesto tem a palavra.

Dr. Ernesto Silva

Eu vou dizer o seguinte: a pessoa que cursa a escola-parque vale por dois.

[aplausos]

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Uma manifestação a mais. Por favor...

[manifestação do auditório, a princípio inteiramente inaudível, mas que se torna audível, e portanto compreensível, a partir de determinado ponto]

[...] o que eu quero colocar para vocês... por exemplo, Taguatinga tem uma escola técnica que foi uma das primeiras escolas técnicas federais e que estava dentro do projeto de Anísio Teixeira. Tanto é que, até alojamentos para professores existiam dentro da escola. Era escola de tempo integral, curso profissionalizante. Essa escola, depois, se tornou o quartel do Exército, na época da revolução. E veio a 5692, com outros cursos ditos profissionalizantes. Hoje é uma escola que não está funcionando à noite, dizendo que não tem aluno... não tem aluno... sendo que precisa de um centro de línguas em Taguatinga, que é deste tamanho o centro de línguas. E o espaço está lá, e existe um movimento, inclusive, para que a EIT não seja... não venha a ser usada ou desapropriada, porque existe o interesse muito grande em acabar com a memória daquela escola que eu conheci, porque vi nascer.

Professor José Carlos Coutinho

Ela foi tombada este ano.

Professora

Então, que felicidade! Porque a escola é no centro, é no 'filé' de Taguatinga. E os interesses são muitos.

Professor Francisco Heitor de Magalhães Souza

Obrigado, professora. Então nós estamos encerrando nosso evento agradecendo a todos, agradecendo especialmente ao doutor Ernesto Silva e aos demais membros da Mesa, professora Daisy, professor Roberto, professor Eldonor Pimentel, professora Leocádia, me desculpem... professora Yeda, professor Carlos, todos os pioneiros e todos os demais presentes que nos deram a honra de estar aqui. Muito obrigado.

ENCERRAMENTO DO EVENTO